



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL



LUIZ FERNANDO RODRIGUES LICETTI

**IDENTIDADE E TRANSTERRITORIALIDADE DOS  
MENONITAS NA BOLÍVIA E PARA ALÉM DA FRONTEIRA**

CORUMBÁ/MS

2022

LUIZ FERNANDO RODRIGUES LICETTI

**IDENTIDADE E TRANSTERRITORIALIDADE DOS  
MENONITAS NA BOLÍVIA E PARA ALÉM DA FRONTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

**Linha de Pesquisa:** Ocupação e Identidade Fronteiriça.

**Orientador:** Prof.º Drº Fabiano Quadros Rückert

CORUMBÁ/MS

2022

LUIZ FERNANDO RODRIGUES LICETTI

**IDENTIDADE E TRANSTERRITORIALIDADE DOS  
MENONITAS NA BOLÍVIA E PARA ALÉM DA FRONTEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, com Conceito \_\_\_\_\_.

---

**Luiz Fernando Rodrigues Licetti**

Aprovado em Corumbá/MS em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ com conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador: Dr. Fabiano Quadros Rückert**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços/CPAN

---

**1º avaliador(a):**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços/CPAN

---

**2º avaliador(a):**  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CPAN

*Dedico esta pesquisa a minha filha Luiza,  
minha esposa Mariana e minha mãe Sonia, por  
sempre acreditarem em mim*

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar forças, coragem e por estar comigo em todos os momentos da minha vida, sejam eles bons ou ruins.

Ao meu pai, Luiz Carlos Licetti, (*in memoriam*) por acreditar e me incentivar nos estudos. Ao meu irmão, Allan Felipe de Souza, (*in memoriam*) e a minha mãe Sonia por ser meu alicerce e referência de mulher guerreira.

À minha filha, Luíza Fernanda, por entender os momentos que tive de me ausentar, por estar estudando e ainda me encorajar. Seu amor me deu forças para terminar esta pesquisa.

A Minha esposa, Mariana, por estar ao meu lado sempre, pela paciência nos momentos de inquietação e cansaço, por acreditar em minha capacidade, pela amizade, pelo carinho e por não me deixar desistir.

Ao meu irmão, Luiz Henrique e meus cunhados Carolina, Thales, Jaqueline, Juan Carlos, Cristina e Sixto que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos momentos em que mais precisei, entendendo as minhas ausências e isolamento, acreditando e incentivando a minha realização profissional.

Ao meu orientador, prof<sup>a</sup> Fabiano por ter acreditado em mim, pelos ensinamentos valiosos que me proporcionou, pelas correções e incentivos e, principalmente, pela paciência em me orientar e estar à disposição sempre que precisei.

Ao meu amigo Diogo por estar presente em minha vida nos momentos que mais precisei, por toda, força, incentivo e apoio incondicional.

Aos meus colegas de trabalho que contribuíram de maneira significativa para que eu chegasse até aqui, sempre me incentivando.

A todos os docentes do Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços- MEF que foram fundamentais na minha formação como pesquisadora e contribuíram com a minha trajetória.

Aos meus colegas de turma, pelos momentos de aprendizagem compartilhados.

Ao Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, pela oportunidade de fazer o Mestrado.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*“Importante não é ver o que ninguém nunca viu,  
mas sim pensar o que ninguém nunca pensou  
sobre algo que todo mundo vê”*  
Arthur Schopenhauer

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

**TABELA 1** – Estimação da quantidade de colonos menonitas em quatro países da América do Sul.....37

**QUADRO 1**- População de acordo com o idioma que fala no município de San José de Chiquitos .....41

## **LISTA DE MAPAS**

<b>MAPA 01</b> - Principais fluxos migratórios menonitas.....	31
<b>MAPA 02</b> - Localização do Município de San José de Chiquitos.....	40

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICO 1** - Números de menonitas nos países da América Latina e do Caribe.....31

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01:</b> localização das colônias menonitas “Sabinal I e II” .....	41
<b>FIGURA02:</b> Distribuição de panfletos à população.....	43
<b>FIGURA03:</b> Produtos vendidos dentro do armazém.....	55
<b>FIGURA04:</b> Queijo menonita vendido na feira livre de sexta-feira na rua Joaquin Venceslau de Barros.....	56
<b>FIGURA 05:</b> Area externa do armazém .....	79
<b>FIGURA 06:</b> Trator com rodas de metal.....	80
<b>FIGURA 07:</b> Buggy, veículo usado pelos menonitas para transporte de pessoas e mercadorias.....	81
<b>FIGURA 08:</b> Hospital de Câncer Alfredo Abrão no centro de Campo Grande-MS.....	83

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AC** - Acre

**AMG** - Associação de História Menonita

**CAIC** - Centro de Atendimento Integral à Criança

**CCM** - Comitê Central Menonita

**CPM** - Centro de Pesquisa Menonita

**DEF** - Documento Especial Fronteiriço

**EUA** - Estados Unidos da América

**FARC** - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

**IDH** - Índice de Desenvolvimento Humano

**INE** - Instituto Nacional de Estadísticas

**MS** - Mato Grosso do Sul

**MT** - Mato Grosso

**PDM** - Plan de Desarrollo Municipal

**PIB** - Produto Interno Bruto

**PTDI** - Plan Territorial de Desarrollo Integral

**RO** - Rondônia

**SAMEC** - Serviço de Assistência Médica Corumbaense

**SUS** – Sistema Único de Saúde

LICETTI, Luiz Fernando Rodrigues. **Identidade e transterritorialidade dos menonitas na Bolívia e para além da fronteira.** 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - CPAN/UFMS

## RESUMO

O objetivo da pesquisa consiste em abordar o fluxo dos menonitas na fronteira Bolívia-Brasil e analisar as estratégias de interações que este grupo social, portador de uma identidade cultural singular, estabelece com outros segmentos sociais. O processo de inserção dos menonitas na Bolívia, iniciado na década de 1950, e a organização das atividades econômicas, o sistema de ensino e o dialeto ploutdietsch, usado por todos os menonitas, são aspectos contemplados pela pesquisa. Agricultores por excelência e rígidos seguidores de princípios bíblicos, os menonitas se organizam em colônias autônomas e, quando necessário, se deslocam para escapar de ameaças e buscar ambientes compatíveis com suas raízes. Compreender a transterritorialidade dos menonitas, no contexto específico da fronteira Bolívia-Brasil, é uma das intencionalidades da pesquisa. A metodologia aplicada foi composta de duas partes: a revisão bibliográfica, por meio da qual estudamos a história das migrações menonitas, desde o período da Reforma Protestante; e o trabalho de campo que resultou na observação das práticas menonitas *in locus*, na Colônia Sabinal I (San Jose dos Chiquitos) e na realização de 5 entrevistas com membros da respectiva Colônia. Os resultados da pesquisa são apresentados em três capítulos. O primeiro trata do surgimento dos menonitas e dos movimentos migratórios que este grupo iniciou, no contexto da Reforma Protestante. O segundo, aborda o processo de criação e desenvolvimento das colônias menonitas na Bolívia e destaca a concessão dos “privilégios”, por meio dos quais os menonitas estão dispensados de frequentar a escola regular e prestar serviço militar. O terceiro e último apresenta dados sobre o fluxo dos menonitas na fronteira Bolívia-Brasil e aponta alguns fatores que influenciam neste fluxo.

Palavras-chave: Fronteira Brasil-Bolívia; Menonitas; Etnias; imigração

LICETTI, Luiz Fernando Rodrigues. Identidade e transterritorialidade dos menonitas na Bolívia e para além da fronteira. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - CPAN/UFMS

## RESUMEN

El objetivo de la investigación es abordar el flujo de menonitas en la frontera Bolivia-Brasil y analizar las estrategias de interacción que este grupo social, portador de una identidad cultural única, establece con otros segmentos sociales. El proceso de inserción de los menonitas en Bolivia, iniciado en la década de 1950, y la organización de las actividades económicas, el sistema de enseñanza y el dialecto ploutdietsch, utilizado por todos los menonitas, son aspectos que abarca la investigación. Agricultores por excelencia y seguidores estrictos de los principios bíblicos, los menonitas se organizan en colonias autónomas y, cuando es necesario, se trasladan para escapar de las amenazas y buscar entornos compatibles con sus raíces. Comprender la transterritorialidad de los menonitas, en el contexto específico de la frontera entre Bolivia y Brasil, es una de las intenciones de la investigación. La metodología aplicada estuvo compuesta por dos partes: la revisión bibliográfica, a través de la cual estudiamos la historia de las migraciones menonitas, desde la época de la Reforma protestante; y el trabajo de campo que resultó en la observación de prácticas menonitas in locus, en la Colonia Sabinal I (San José dos Chiquitos) y en la realización de 5 entrevistas con miembros de la respectiva Colonia. Los resultados de la investigación se presentan en tres capítulos. El primero trata sobre el surgimiento de los menonitas y los movimientos migratorios que este grupo inició, en el contexto de la Reforma protestante. El segundo aborda el proceso de creación y desarrollo de las colonias menonitas en Bolivia y destaca el otorgamiento de “privilegios”, a través de los cuales los menonitas quedan exentos de asistir a la escuela regular y realizar el servicio militar. El tercero y último presenta datos sobre el flujo de menonitas en la frontera entre Bolivia y Brasil y señala algunos factores que influyen en este flujo.

Palabras clave: Frontera Brasil-Bolivia; Menonitas; Etnias; Inmigración

## SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i> .....	15
<i>CAPÍTULO I</i> .....	18
<i>OS ANABATISTAS E A ORIGEM DOS MENONITAS</i> .....	18
<i>1.2 A chegada dos menonitas na Bolívia</i> .....	22
<i>CAPÍTULO II</i> .....	32
<i>OS MENONITAS E SUA INSERÇÃO TERRITORIAL NA BOLÍVIA</i> .....	32
<i>2.1 A questão linguística dos menonitas</i> .....	34
<i>CAPÍTULO III</i> .....	40
<i>A MOBILIDADE DOS MENONITAS PARA ALÉM DA FRONTEIRA</i> .....	40
<i>3.1 Corumbá e a zona de fronteira Brasil-Bolívia</i> .....	42
<i>3.2 Os menonitas inseridos nos fluxos migratórios Bolívia/Brasil</i> .....	45
<i>3.3 Saúde e supermercados: em busca do custo-benefício</i> .....	51
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i> .....	59
<i>ENTREVISTA 1</i> .....	62
<i>ENTREVISTA 2</i> .....	69
<i>ENTREVISTA 3</i> .....	73
<i>ENTREVISTA 4</i> .....	76
<i>ANEXOS</i> .....	77

## INTRODUÇÃO

Quando analisamos os menonitas percebemos que estamos diante de uma cultura com extraordinária capacidade de adaptação, que se respalda em experiências acumuladas em mais de 300 anos de sua história migratória. Qualquer tentativa de generalização é arriscada, mesmo porque os menonitas residentes na Bolívia se dividem em comunidades que, apesar de congregar princípios semelhantes, apresentam diferenças entre si – umas com concepções mais liberais e progressistas, outras mais rigorosas e conservadoras, outras nem tanto, dependendo do país e da região em que estão inseridos

Os menonitas consideram-se parte das chamadas “igrejas livres”, com princípios independentes, em que a palavra – e não os dogmas da igreja tradicional – possui a força de um contrato.

Uma análise precipitada sobre a organização social e o comportamento religioso dos menonitas pode levar à conclusão de que pertencem a um grupo fundamentalista que parou no tempo, mas se a observação levar em conta a adaptação do grupo ao meio, à sua cultura, à força de produção e aos resultados alcançados como cidadãos imigrantes que investem na agropecuária, então teremos como referência comunidades de empreendedores bem sucedidos e que, mesmo fora do sistema político e das redes sociais, conseguem luz própria e visibilidade em meio a uma enorme diversidade social.

Nas suas interações com outros grupos sociais, os menonitas falam o estritamente necessário. Eles evitam sair das colônias, mas, quando necessário, percorrem longas distâncias à procura dos melhores serviços e atendimentos. No caso dos residentes na Bolívia, existe um fluxo motivado pela busca de serviços médicos e comerciais que conecta as colônias às cidades de Corumbá e Campo Grande.

O fluxo dos menonitas na fronteira Bolívia-Brasil, suas estratégias de “filtro cultural<sup>1</sup>” e as interações que estabelecem com outros grupos sociais, tanto na Bolívia, quanto no Brasil, serão abordados neste estudo a partir da articulação de três temas. São eles: a identidade cultural menonita, as particularidades da fronteira e o fenômeno da transterritorialidade.

O corpo deste trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro descreve a história anabatista, base para a formação das comunidades menonitas a partir da Suíça e Alemanha, e a

---

<sup>1</sup> Usamos a expressão “filtro cultural” porque identificamos nos menonitas um constante trabalho de seleção dos elementos culturais (materiais e imateriais) que são incorporados ou rejeitados nas suas atividades cotidianas.

chegada das primeiras comunidades à Bolívia a partir de 1954. O segundo usa o conceito de transterritorialidade para interpretar a mobilidade espacial dos menonitas, abordando aspectos de sua organização comunitária e das interações econômicas que estabelecem com bolivianos e brasileiros. O terceiro analisa as motivações que trazem os menonitas a Corumbá, cidade polo de uma região de fronteira que inclui os municípios de Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suarez – todos ligados por rodovia e ferrovia às cidades do departamento de Santa Cruz, na Bolívia.

Neste estudo, adotamos a concepção de fronteira como entrelugar de troca de relações sociais e culturais, um fato social, com conotação política tão marcante quanto o limite, conforme Reffestin:

O limite é, portanto, uma classe geral, um conjunto cuja fronteira é um subconjunto. Ainda aí é particularmente estranho que só a fronteira tenha uma conotação política enquanto, de fato, todo limite possui uma, nem que seja pelo fato de ele ser sempre a expressão de uma manifestação coletiva, direta ou indireta. Na verdade, a fronteira se insere numa categoria particular, pois os Estados-nações tomaram-na como um sinal, no sentido pleno e próprio do termo. Como tal, a fronteira é manipulada como um instrumento para comunicar uma ideologia. (RAFFESTIN, 1993, p.166)

Fronteira, no seu sentido etimológico, é algo que está à frente, é lugar a ser ocupado para em seguida ser territorializado (MACHADO, 2000). No transcurso das últimas décadas, a antiga concepção de fronteira como zona de limites e demarcação de territórios tem sido reformulada para incorporar aspectos culturais, sociológicos e econômicos que demandam maior atenção dos pesquisadores para o hibridismo social e cultural produzido nesta região (ALBUQUERQUE, 2009).

A metodologia usada foi baseada em procedimentos de pesquisa documental, bibliográfica, empírica e participativa (CRESWELL, 2007), e a busca de coleta de opiniões dos entrevistados por meio de um diálogo dirigido (GIANOTTEN; WIT, 1991).

Optou-se pela pesquisa qualitativa, pois se considerou a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, sendo fundamental a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados às variáveis abordadas. A pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento da compreensão elaborada e compartilhada por um determinado grupo social (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), e, conseqüentemente, trata de aspectos da realidade que não podem ser quantificados. A pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001).

Parte da pesquisa foi desenvolvida a partir da revisão bibliográfica. Outra parte aborda dados coletados no comércio, imprensa, clínicas médicas, feiras livres e nos órgãos públicos a respeito da presença menonita na fronteira Bolívia-Brasil. E uma terceira parte explora quatro entrevistas realizadas com membros das colônias menonitas da Bolívia.

O trabalho das entrevistas ganhou forma com a mediação de um menonita que presta serviços fora das colônias. Por intermédio dele, fomos recebidos na colônia *Sabinal I*, localizada no município de San José de Chiquitos, a 386 km de Corumbá. Para realizar as entrevistas dentro da colônia foi necessária uma inserção na comunidade, com autorização das lideranças locais. Devido à pandemia, provocada pela multiplicação de casos e mortes pelo Covid-19, em março de 2020 a Bolívia anunciou o fechamento da fronteira com o Brasil e outras medidas contra o coronavírus, sendo permitida a entrada de pesquisadores na Bolívia somente em outubro de 2020, quando foi solicitado o pedido de acesso ao país junto ao consulado boliviano em Corumbá, conforme ANEXO II. Considero importante registrar que as entrevistas foram realizadas em espanhol e com o auxílio de um intérprete – um menonita que em determinadas situações traduziu as perguntas para o dialeto *ploutdietsch*.<sup>2</sup>

A coleta de dados foi feita junto ao comércio local após a reabertura da fronteira, momento em que volta a crescer o fluxo de imigrantes pendulares e os menonitas retornam a Corumbá em busca de serviços oferecidos na cidade ou em situação de trânsito com destino à Campo Grande. No que diz respeito às entrevistas, foram realizadas *in loco*, diante de solicitação de autorização para publicação. Ao total, a pesquisa contou com cinco menonitas entrevistados, sendo que quatro deles residem nas colônias Sabinal I e II.

A revisão bibliográfica foi direcionada para a fundamentação teórica acerca dos estudos que promovem discussões sobre fronteira, identidade cultural e transterritorialidade. A bibliografia também contempla estudos que tratam das origens dos menonitas – grupo formado no contexto das Reformas Religiosas do século XVI e XVII.

---

<sup>2</sup> As particularidades linguísticas dos menonitas residentes na Bolívia serão abordadas no decorrer da pesquisa.

## CAPÍTULO I

### OS ANABATISTAS E A ORIGEM DOS MENONITAS

Estudar os menonitas significa compreender uma diversidade que apresenta características diferenciadas no que concerne à história, aos sistemas sociais e econômicos, à cultura, à língua e à religião.

A origem dos menonitas está diretamente ligada ao processo da Reforma Religiosa e ao surgimento de grupos cristãos designados pelos católicos do século XVI como protestantes. Dentro do grupo dos protestantes, os anabatistas construíram uma identidade religiosa por meio da qual demarcavam suas diferenças em relação aos católicos e adotavam práticas sociais baseadas na sua interpretação do cristianismo. No início da Reforma Religiosa existiam duas linhas anabatistas que apesar de possuírem as mesmas crenças e práticas, não estavam relacionadas (ROA, 1997, p. 231-232).

A historiografia que aborda o processo da Reforma Religiosa na Europa ressalta que as diferenças entre católicos e protestantes extrapolavam à interpretação do evangelho e aos rituais litúrgicos. Estas diferenças também envolviam interesses econômicos, tensões sociais, concepções distintas de educação e disputas pelo poder entre membros da nobreza (DELUMEAU, 1989; HILL, 2003; FEBVRE, 2012; ARMSTRONG, 2016).

Agitado pela Reforma Religiosa e pelas forças que tentaram reprimir os movimentos reformistas, os séculos XVI e XVII foram marcados por visões apocalípticas, crenças messiânicas e intensos debates teológicos. Naquele contexto, as divergências religiosas se materializaram em violência, perseguições e conflitos militares. Nos territórios germânicos, a Reforma iniciada por Lutero encontrou apoio em setores da nobreza que desejavam conter as intervenções da Igreja Católica nos assuntos seculares.

Os apoiadores de Lutero, ao mesmo tempo em que usaram armas para desafiar a autoridade da Igreja e da nobreza católica, reprimiram com violência os grupos camponeses que pretendiam promover uma reforma mais radical (ZIMMERMANN, 1977). Neste sentido, a rejeição da autoridade papal nos territórios germânicos que aderiram ao movimento reformista coexistiu com a construção de uma nova ordem religiosa: uma autoridade comprometida com os interesses da nobreza germânica promotora da Reforma.

Durante a maior parte do século XVI e nos primeiros decênios do século XVII, a situação religiosa nos territórios germânicos foi instável. Existiam disputas entre setores da

nobreza adeptos da Reforma e setores católicos, e, ao mesmo tempo, existiam movimentos reformistas que não estavam sob o controle da nobreza ou de autoridades eclesiásticas oficiais. Um destes movimentos resultou no anabatismo, uma designação criada pelas autoridades para apontar os que desejavam “repetir o batismo” ao adotá-lo apenas para adultos.

Os anabatistas adotaram alguns elementos da doutrina luterana, como o princípio da livre interpretação da Bíblia, a rejeição do culto às imagens, a crítica ao ritual da Santa Ceia. Eles também compactuavam com os camponeses que reivindicavam o direito de escolher os líderes eclesiásticos e defendiam uma vida baseada nos preceitos da lei divina (MENNONITISCHE GESCHICHTSVEREINE.V, 2018).

A posição dos anabatistas em relação ao batismo foi considerada por católicos e por luteranos como uma ameaça ao cristianismo que fez do batismo um ritual de iniciação à fé cristã. Foram duramente perseguidos por católicos e protestantes, que viam neles um grupo de ameaçadores rebeldes. Essa perseguição começou em janeiro de 1525, mesmo dia em que os líderes do movimento se fizeram batizar em público. Sob a tutela de Ulrico Zwingli, expoente máximo da Reforma na Suíça, os Conselhos das cidades de Zurique e Berna ditaram severos decretos de perseguição, exílio e morte contra os seguidores do movimento. Em poucos meses caíram quase todos os líderes, vítimas de cruéis torturas, execuções públicas em fogueiras ou afogamentos em rios. Nomes de líderes suíços executados, como Konrad Grebel, Félix Manz ou Jorg Blaurock encabeçam o registro de mártires venerados por colonos menonitas bolivianos que são de ascendência alemã-holandesa. Em um período de poucos anos foram registrados cerca de 1000 anabatistas executados

Diante da perseguição, não restou aos anabatistas saírem da região como refugiados. Eles desenvolveram duas estratégias de resistência: a migração para territórios mais tolerantes com sua crença religiosa e a formação de comunidades que compactuavam dos mesmos preceitos religiosos e que almejavam viver um cristianismo “puro”, seguindo os princípios da não-violência.

Para Hoover (2006), os primeiros anabatistas não tiveram sucesso entre a militância e a paz. Ora queriam eliminar as queixas da igreja existente, ora queriam se isolar desta igreja e da vida pública. Eles não seguiram uma linha comum, só tinham em comum a prática do batismo de adultos, mas as justificativas para esse batismo eram diferentes. De maneiras muito diferentes, os anabatistas estavam preocupados com a renovação do Cristianismo sob as condições de mudanças religiosas.

No decorrer dos séculos XVI e XVII, a variedade de movimentos dos anabatistas se condensou em três linhas diferentes: a suíço-alemã superior, o baixo alemão-holandês e a linha huterita, que se instalou na Morávia. Todas elas se empenharam na construção de suas igrejas e na organização dos rituais litúrgicos e buscaram conservar suas crenças – o que implicava em aceitar restrições impostas pelos grupos cristãos majoritários.

As comunidades anabatistas suíças se separaram das igrejas, rejeitaram os cargos do governo e se retiraram de qualquer compromisso que pudesse ser incompatível com uma vida pacífica (SATTLER, 1982). As comunidades holandesas também adotaram certas restrições sociais para limitar o envolvimento dos seus membros com outros grupos religiosos e desenvolveram sua fé sem a permissão para celebrar rituais publicamente e sem autorização para realizar o trabalho missionário.

As restrições impostas provocaram a migração de anabatistas da Holanda para outros territórios, mas não impediram que alguns dos seus membros alcançassem sucesso econômico e reconhecimento social. As comunidades huteritas, que receberam o nome de seu líder Jakob Huter do Tirol, decidiram restaurar a comunidade de propriedade dos primeiros cristãos, cobriram a Morávia com uma rede de fazendas irmãs que floresciam economicamente com seus métodos de produção artesanal comunitário e tentavam manter a espiritualidade da comunidade primitiva para cultivar em tempos difíceis de perseguição.

Das três linhagens anabatistas, a huterita foi a que demonstrou maior resistência à interação com outros grupos cristãos. A postura dos anabatistas da Morávia foi alvo da política de recatolização promovida pelos Habsburgos e o grupo foi perseguido durante a Guerra dos Trinta Anos. Diante das hostilidades, os cristãos anabatistas da linhagem huterita emigraram para a Ucrânia e para as pradarias da América do Norte. Nestes territórios, eles conseguiram reproduzir o projeto de uma vida comunitária e de uma fé compartilhada, embora de uma forma diferente (SCHARTNER ; DÜRKSEN, 2009).

Para Sattler (1982), parte do movimento anabatista holandês-norte-alemão se radicalizou com uma onda crescente de perseguição e ideias apocalípticas, o que levou a rebelião em Münster. No entanto, algumas comunidades anabatistas evitaram o conflito com os grupos cristãos majoritários. Para estas, prevaleceu o princípio da não violência cristã, pregado pelo teólogo e sacerdote católico holandês Menno Simons, que aderiu ao anabatismo em 1536. Após a derrubada dos militantes anabatistas em Münster, Simons reuniu grande parte do movimento anabatista holandês-norte-alemão e formulou uma teologia conscientemente

pacifista. A importância do pensamento teológico de Menno Simons fez com que os seus seguidores fossem chamados de menonitas (discípulos de Menno) (PENNER, 1955).<sup>3</sup>

É neste momento, quando Menno Simons escreve o “Livro dos Fundamentos” e difunde os princípios, que o movimento vai receber o nome de menonita. O livro transforma-se na Carta Magna seguida pelos menonistas nos tempos atuais. São estes os 7 princípios, resultado de um encontro na fronteira Suíça-Alemanha em 1527:

*1 – Batismo de adultos conscientes: rejeição ao batismo de crianças por não ter respaldo bíblico e ser instrumento de opressão da igreja romana.*

*2 – Disciplina interna das comunidades eclesíásticas: expulsão, em caso de violação reiterada e comprovada nos regulamentos.*

*3 – Partilhar o pão (Última Ceia), como símbolo de união da comunidade que deve construir-se periodicamente (princípio que inspira fortemente as comunidades rurais).*

*4 – Vida afastada do “mundo” e de todos os que “não estão em Cristo” - não participação em assuntos políticos e separação estrita entre Igreja e Estado.*

*5 – Livre eleição de pastor/ministro em cada comunidade - não há hierarquia eclesíástica, mas sim o sacerdócio de todos.*

*6 – Não-violência, inclusive rejeição de autodefesa em caso de agressão, e recusa ao serviço militar.*

*7 - Proibição de juramento diante de qualquer autoridade religiosa ou política, o que implica negação de participação civil em obras públicas.*

Quando as perseguições religiosas dos séculos XVI e XVII perderam intensidade, o processo de dispersão dos anabatistas pelo mundo já estava em curso e a doutrina deles foi ressignificada em diferentes contextos culturais. Atualmente, os cristãos menonitas, os huteritas e os amish são considerados herdeiros do movimento anabatista. Nos EUA, os Irmãos Schwarzenau também são considerados herdeiros da mesma matriz religiosa. Cabe ressaltar que, apesar de compartilharem de uma matriz teológica em comum, os grupos supramencionados apresentam particularidades identitárias construídas no transcurso do processo histórico, o que os diferencia, embora sejam comumente confundidos.

No norte da Alemanha e nos Países Baixos, a condessa Anna, de East Frislândia, na Alemanha, reforçou a denominação ao usar o termo “menonisten” em edital emitido em 1545,

---

<sup>3</sup> O termo menonitas foi documentado pela primeira vez por escrito em 1544 em uma carta das autoridades da Frísia Oriental. Cabe ressaltar que, na Holanda, cristãos de origem anabatista não são chamados de menonitas, mas sim de “pessoas batismais” (Doopsgezinde).

determinando que os seguidores de Menno Simons passassem por uma avaliação ou deixassem o país (JACKSON, 2012, p. 12.)

Cabe aqui uma referência às correntes que rejeitaram o batismo das crianças e postularam o batismo de adultos, denominadas genericamente de batistas. Dentro delas os menonitas representam uma corrente radical, embora minoritária. A Igreja Batista, surgida no começo do século XVII, hoje conta com 44 milhões de adeptos, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos, e presente marcante em Santa Cruz de la Sierra e nas cidades da fronteira Brasil-Bolívia. O termo anabatista se refere aos menonitas fundadores (1525-1530) os quais, uma década mais tarde, por influência dos seguidores da Holanda e norte da Alemanha, recebeu a denominação de menonitas. (CINTRÓN, 2015)

Atualmente, os menonitas estão organizados em comunidades predominantemente rurais.<sup>4</sup> O vínculo dos menonitas com o campo e o trabalho rural, como demonstramos anteriormente, faz parte de uma estratégia de manutenção da identidade religiosa. Este vínculo, para ser mantido, demandou constantes fluxos migratórios em busca de áreas rurais favoráveis à instalação de comunidades menonitas, e, ao mesmo tempo, para reforçar princípios e elementos culturais definidos na Carta Magna.

## 1.2 A chegada dos menonitas na Bolívia

No século XVIII, ao longo de sua migração e consolidação, as colônias originárias da Rússia vieram aperfeiçoar o conteúdo e a estratégia para alcançar a aprovação de convenções. O objetivo era garantir do governo anfitrião o respeito aos princípios já mencionados: isenção do serviço militar para os jovens, o direito de manter suas próprias escolas, cultivar sua própria língua (neste caso o dialeto alemão *ploutdietsch*)<sup>5</sup>, ter suas próprias igrejas e outros requisitos relacionados, estar isento de votar em eleições ou de cumprir outras obrigações cívicas. Por esses motivos, os menonitas, como parte dos preparativos para estabelecer colônias em um novo país, exploraram a disposição do governo anfitrião para garantir-lhes as condições básicas para aceitar ou não aceitar o convite. Com o tempo, essas garantias receberam a controversa designação de "privilégios".

---

<sup>4</sup> Exceções importantes são as comunidades menonitas da Holanda do norte da Alemanha, onde existem menonitas inseridos em profissões industriais ou comerciais.

<sup>5</sup> Dialeto da língua alemã antiga que foi preservado pelos grupos menonitas durante as sucessivas migrações que eles vivenciaram desde o século XVI.

Nesse sentido, os governos interessados na criação de colônias menonitas, como Canadá, México, Paraguai e, finalmente, Bolívia, antes da imigração menonita, assinaram os acordos correspondentes com as delegações negociadoras.

Dentro do contexto histórico, o Brasil passou a viver, nos anos 1950, primeiro com Getúlio Vargas eleito (1950) e depois com Juscelino Kubitschek (1955) a era da industrialização e da modernização, com êxodo da população do campo para as cidades, buscando desfazer a imagem de país rural e se aproximar cada vez mais da ideologia estadunidense. Naquela altura, o Brasil não estava disposto a assinar acordos de privilégios para colônias se instalarem em seu território, mesmo porque menonitas caminhavam na contramão da produção em massa e do consumismo ao se autoproclamarem contra o luxo e acumulação de riqueza, e contrários a qualquer ato de violência e agressão - negar o alistamento às forças armadas do país é um dos seus princípios.

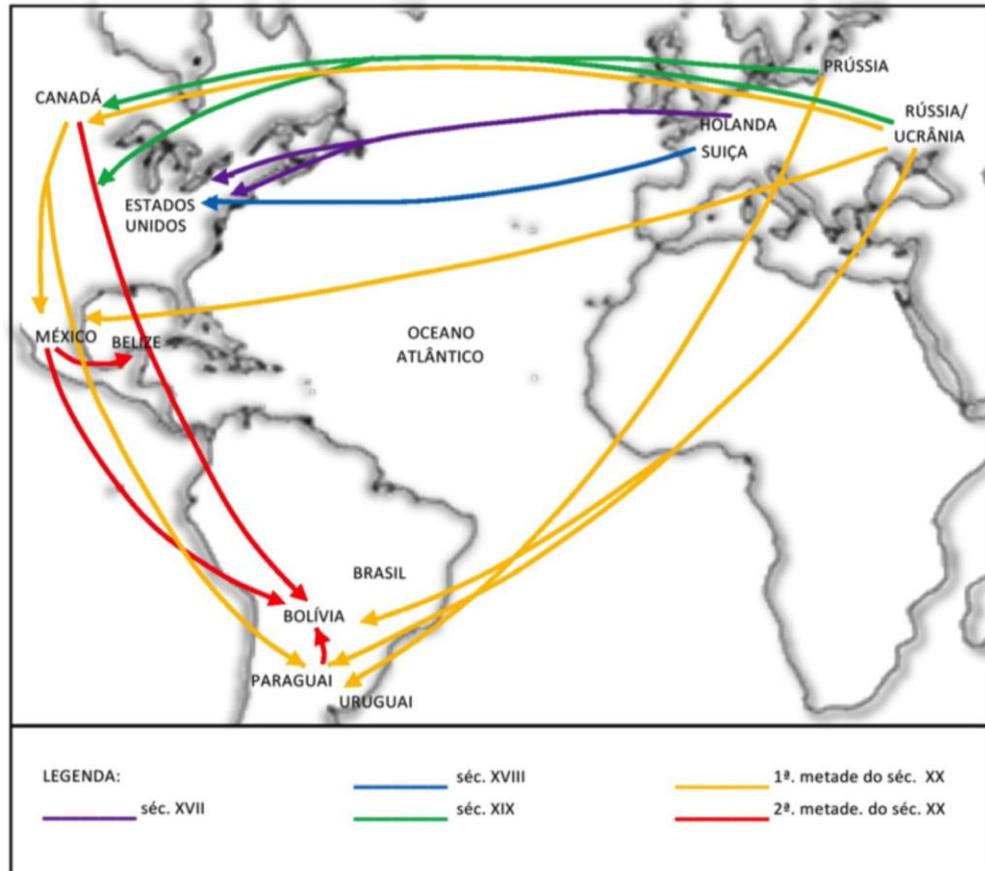
Mesmo diante da negativa de “privilégios”, colônias menonitas vão se instalar também no Brasil. A mais antiga comunidade que se tem notícia chegou em Santa Catarina em 1930, procedente da Rússia, em fuga do regime comunista. Em 1951 os colonos transferem-se para Palmeira, no Paraná, onde compram a fazenda Cancela com apoio de menonitas dos Estados Unidos e formam a Colônia Witmarsum, com atividades na agropecuária.<sup>6</sup>

Os fluxos migratórios resultam em formação de colônias agrícolas no Canadá, México, Paraguai e Bolívia, que forma uma rede de comunicação menonita no continente. É frequente a ida de colonos menonitas bolivianos para o Canadá não só para rever parentes, mas em busca de atualização tecnológica agropecuária. Além disso, eles se direcionam para localidades que oferecem possibilidades de manutenção da autonomia comunitária baseada nos seus princípios.

---

<sup>6</sup> A *Cooperativa Witmarsum* (Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum) é uma cooperativa da comunidade da colônia menonita localizada no mesmo bairro. Os principais produtos são a produção de leite e de grãos. A cooperativa faz o beneficiamento do leite bovino e distribui com a marca *Cancela*. Há ainda diferentes tipos de queijos, com a marca Witmarsum (os primeiros do país a ganhar selo de indicação geográfica). A cooperativa produz, pelo menos, 20 toneladas de queijo por mês e 25 mil litros de leite processados diariamente, abastecendo mercados em todo o Paraná.

**Mapa 01** - Principais fluxos migratórios menonitas.



**Fonte:** Adaptado de MCC (2009).

Segundo Streich (2010), antes de migrar e criar colônias, os menonitas estudavam a disposição do governo potencialmente anfitrião para garantir-lhes as condições básicas de autonomia comunitária. Na escolha de novos destinos migratórios, buscavam alternativas que possibilitem a consolidação de sua economia sem romper com os princípios culturais-teológicos basilares que lhe conferem identidade e que dão coesão ao grupo. (LÖWEN SAHR et al., 2016). Com o tempo, e de forma não totalmente correta, essas garantias foram chamadas de "privilégios". Nesse sentido, os governos interessados na criação de colônias menonitas, como Canadá, México, Paraguai e Bolívia, antes da imigração menonita, assinaram os acordos correspondentes com as delegações negociadoras.<sup>7</sup>

O Paraguai é hoje um dos países com maior concentração de menonitas, considerando o conjunto dos países que compõem a América Latina e o Caribe. Mas as condições favoráveis para o resguardo da segurança das colônias sofreram um forte abalo no final de 2021 quando

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que países como Argentina, Brasil e Uruguai não aceitaram assinar acordos que concedessem "privilégios" aos grupos menonitas, porém o Brasil possui uma colônia menonita.

um eletricitista menonita foi vítima de sequestro por um grupo de guerrilheiros que se autodenomina Exército do Povo Paraguai. Em troca da liberdade do refém exigiram que a comunidade menonita a qual pertencia, no povoado de San Alfredo, departamento de Concepción, a 78 km de Caracol-MS, doasse o equivalente a 500 mil dólares em alimentos a comunidades pobres do Paraguai. Feito isso, o menonita foi libertado oito dias depois.<sup>8</sup> Autodefinido como um grupo marxista-leninista, o Exército do Povo Paraguai age nas regiões mais carentes da faixa de fronteira - com o lema de distribuir terra e alimentos a populações carentes, para combater a pobreza -, e já tem como histórico o sequestro de um ex-vice-presidente do Paraguai.

Pacifistas, os menonitas pregam a não-violência, inclusive rejeição de autodefesa, e diante do quadro instável na região, agravado pelo confronto Governo versus guerrilha que reproduz o combate das FARC colombianas, podem se ver forçados a migrar para outro país, seguindo o modelo histórico de mobilidade.

Perseguições e conflitos fazem parte da história de 300 anos de migração menonita por vários países. No Paraguai desde 1927, com a fundação de colônias na província de Chaco, procedentes do México e do Canadá, os menonitas contavam com uma população aproximada de 30 mil pessoas, de acordo com dados de 2015. São ao todo 19 colônias no Chaco e leste do Paraguai, mas o que chama a atenção é a organização em modos de cooperativas, e uma integração incomum ao sistema do Estado, de onde se conclui a adoção da linha progressista:

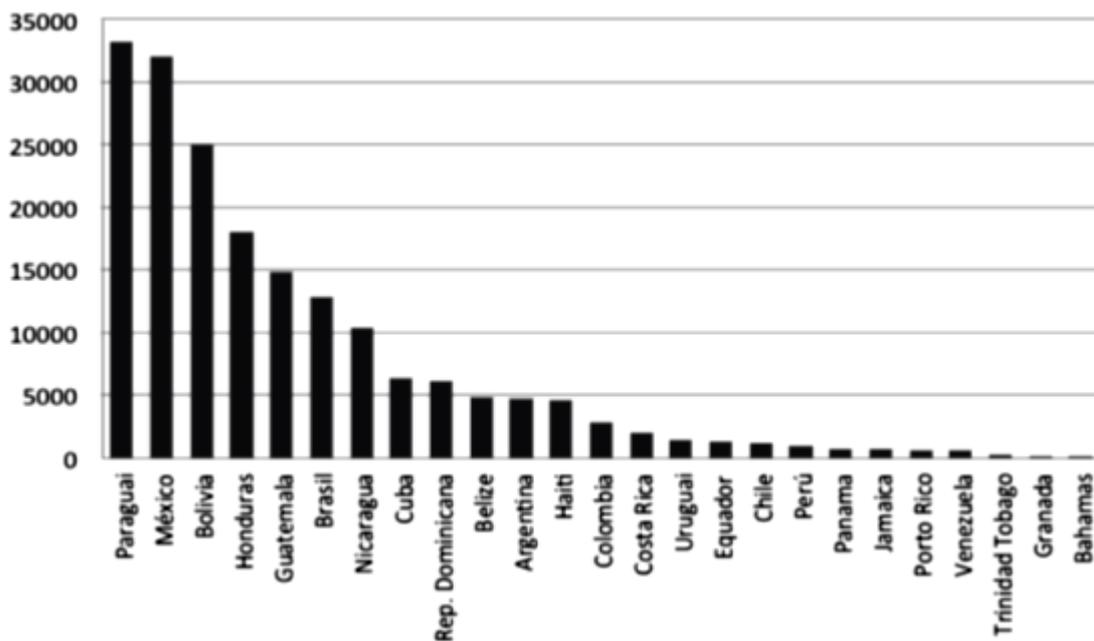
As colônias, organizadas em cooperativas de grande poder econômico, dirigem a segunda maior indústria leiteira do país. Os colonos do Chaco desenvolvem uma forma peculiar de “integração” ao Estado: apoiados por políticas públicas, chegam a ocupar os governos municipais da região, construindo uma espécie de “Estados dentro do Estado” que se rege por normas próprias, incluindo o idioma. No entanto, as relações com as populações nativas são problemáticas: embora as colônias ofereçam postos de trabalho, ao mesmo tempo mantêm-nos em um estado marginal que alguns analistas não duvidam em comparar como “apartheid”. (KOPP, 2015)

---

<sup>8</sup> Peter Reimer Loewen, outro menonita que o acompanhava e dois cidadãos paraguaios foram sequestrados quando trabalhavam na fazenda Guyra Campana, em San Pedro, a cerca de 200 km de Mato Grosso do Sul. Horas mais tarde, o outro menonita e os dois paraguaios foram libertados. Apenas Peter foi mantido como refém. Apesar de o sequestro ter ocorrido em San Pedro, ele mora com a família numa comunidade de menonitas na zona rural de San Alfredo, povoado pertencente ao departamento de Concepción, distante 78 km do município de Caracol (MS). David Reimer informou que o filho foi solto na colônia La Yeya, a 60 quilômetros de Santa Rosa del Aguaray, no departamento de San Pedro, a 250 km de San Alfredo. O local onde ele foi deixado fica na mesma região onde ocorreu o sequestro. (*Fonte: Site Campo Grande News*)

Elementos de diferentes lugares do mundo, que compõem suas trajetórias migratórias, conjugam suas atividades por meio de uma cultura que, mesmo tendo traços tão próprios, opera facilmente com as mediações técnicas e sociais gerais e cria laços fortes em relações locais (SAHR, 2004). Seguindo o Paraguai, considerando-se a população total de menonitas, destacam-se outros países da América Latina e do Caribe: México, Bolívia, Honduras, Guatemala e, em sexto lugar, o Brasil; e ainda: Nicarágua, Cuba, República Dominicana, Belize, Argentina e Haiti. Nos demais países, esses números são menos significativos. (LÖWEN SAHR et al., 2016).

**Gráfico 1:** Números de menonitas nos países da América Latina e do Caribe.



**Fonte:** Gameo (2017).

Do total de população registrada pela Conferência Mundial Menonita em 2009, mais de 50% residem na África e Ásia (37% Quênia e Tanzânia; 16% Indonésia e Índia). Os Estados Unidos e o Canadá estão em segundo lugar com 32%, divididos aproximadamente igualmente entre menonitas "modernos" integrados à sociedade e agricultores tradicionais. Os países de origem, Suíça, Holanda e Alemanha, representam apenas 4% da população menonita total. Para efeitos do presente estudo, que se concentra nas colônias menonitas da Bolívia, deve-se considerar que, do número total de menonitas em todo o mundo, a população de colonos na América Latina representa pouco mais de 10%, ou em números absolutos, entre 160.000 e 200.000 habitantes, 50.000 deles na Bolívia (ver tabela 1 página 37). (KOOP, 2015)

Na América Latina e no Caribe, esse sistema de transterritorialidade dos menonitas é uma combinação curiosa entre as comunidades locais que constituem o grupo e sua inserção em processo de globalização, ou seja, tanto em suas articulações econômicas e políticas gerais como nas sociedades nacionais onde se inserem.

De um lado, buscam alternativas para sua sobrevivência econômica e cultural num contexto de abertura e inserção global e, de outro, esforçam-se para salvaguardar seus princípios religiosos, apoiados na ideia de comunidade primitiva bíblica. Procuram manter seu idioma tradicional (*ploutdietsch*) e um sistema escolar autônomo, bem como preservar sua índole pacifista (não pegar em armas e não participar do serviço militar). (LÖWEN SAHR et al., 2016). Os países latino-americanos e caribenhos fazem parte de uma ampla rede menonita mundial. Em cada um destes países se observam estratégias diferentes de integração, o que permite desenvolver um panorama de identidades "translocais" num mosaico de realidades vivenciadas em diferentes pontos do globo.

Nesse aspecto, há duas correntes bem definidas de menonitas: os progressistas, que com o passar do tempo e para se amoldar às leis locais renunciam a parte dos privilégios, e os conservadores, que preferem trocar de país a se submeter a qualquer tipo de mudança que fira os seus princípios. Na Bolívia predominam os conservadores.

Como resultado da perseguição sistemática sofrida nos primeiros séculos da Reforma Religiosa nos territórios germânicos, os menonitas foram forçados a migrar em busca de novas terras. Enquanto a maioria dos migrantes buscava refúgio em territórios com governantes relativamente tolerantes dentro do próprio Império Alemão-Romano, as migrações primitivas começaram em terras distantes que, em termos um pouco simplificados, se desenvolveram em três direções principais: (1) em direção transatlântica à América do Norte; (2) a leste do mesmo continente europeu, à Prússia, Polônia e Rússia; e (3) fechando o ciclo: da Europa Oriental à América do Norte, Centro-Sul.

As primeiras migrações dos séculos XVI e XVII foram fugas espontâneas que, a partir do século XVIII, tornaram-se empreendimentos coletivos cada vez mais organizados e sistemáticos. Ao longo desses processos, foram configuradas unidades socioreligiosas camponesas chamadas "colônias menonitas". Sem reivindicar um relato completo, abaixo está uma descrição dos principais estágios e rotas tomadas pelas colônias menonitas.

No caso boliviano, o governo buscou atrair menonitas, sobretudo a partir da Lei de Migração de 1926. Naquele contexto, grupos menonitas do Canadá estavam insatisfeitos com as intervenções do Estado canadense nas suas comunidades e buscavam alternativas para se

instalar em outras localidades.<sup>9</sup> Na Rússia, depois da vitória dos bolcheviques na Guerra Civil, a conjuntura política se tornou desfavorável para a manutenção da autonomia comunitária e muitos grupos menonitas optaram pela migração.

Assim como a Bolívia, o Paraguai também buscou atrair grupos menonitas procedentes do Canadá e dos territórios sob domínio bolchevique no leste europeu. Ambos os governos tinham o mesmo propósito político: povoar o Chaco e desenvolvê-lo para a agricultura e pecuária, a fim de colocar a soberania nesta região disputada. Por ter melhores contatos diplomáticos, o Paraguai saiu vitorioso da competição: em 1927, um grupo de menonitas do Canadá fundou a Colônia Menno, no município da Filadélfia, no coração de Chaco Borealis. Além disso, o grupo de refugiados da Rússia havia chegado via China ao porto francês de Le Havre. Em um relato anedótico, o cônsul boliviano tentou interceptar os menonitas russos que estavam prestes a se instalar no Chaco argumentando que a terra oferecida seria em território boliviano (STREICH, 2010). Em resposta, os menonitas, preventivamente, adquiriram vistos para ambos os países. Com o apoio do Comitê Central Menonita, eles conseguiram fazer a viagem ao Chaco fundando a colônia Fernheim em 1930 (SCHARTNER; DÜRKSEN, 2009).

Deve-se ressaltar que, durante a Guerra do Chaco (1932-1935),<sup>10</sup> as colônias jovens, mais próximas das tropas paraguaias do que das tropas bolivianas, desempenharam um papel importante no apoio ao exército paraguaio através da abertura de estradas, suprimentos de transporte, comida e água. O exército paraguaio firmou um compromisso com os menonitas como gratidão aos serviços com bons pagamentos que significavam muito para as colônias pobres e distantes dos centros de consumo, sendo a primeira renda que lhes permitiu sair de suas dificuldades iniciais e se consolidarem no país.

No Paraguai, onde os menonitas progressistas se organizaram em torno da cooperativa Ferheim, responsável pela segunda maior indústria leiteira do país, as garantias de tolerância e segurança sofreram um forte abalo no final do 2021, quando um colono menonita foi vítima de sequestro assumido pelo grupo de esquerda autodenominado Exército do Povo Paraguai, e libertado oito dias após entrega do resgate, 500 mil dólares em alimentos que os sequestradores exigiram que fossem doados às comunidades carentes, entre elas duas favelas de Assunção.

Em relação à Bolívia, apenas 30 anos depois, como parte da implementação da Reforma Agrária, o governo da Revolução Nacional retomou a política de atrair investidores estrangeiros

---

<sup>9</sup> O governo do Canadá interferiu de diversas formas na autonomia comunitária dos menonitas. Uma destas intervenções foi por meio da "Lei de Uniformidade da Língua" (1916) que impôs o ensino obrigatório de inglês e a proibição da língua Ploutdietsch – usada pelos menonitas canadenses.

<sup>10</sup> Para uma introdução ao tema da Guerra do Chaco, recomenda-se a leitura de Moniz (1998) e Silveira (2009).

e fez contatos com menonitas paraguaios interessados em fundar colônias em território boliviano.

Em 1954 veio um posto avançado de 10 famílias com as quais o governo negociou o acordo de garantia incorporado no Decreto Supremo 4192, de outubro de 1955. Este Decreto concede aos menonitas "privilégios" irrestritos, em duas áreas: liberdade no exercício de sua religião e isenção do serviço militar. Por outro lado, na área educacional, embora admita seu próprio sistema escolar, exige "obrigatoriedade" da intervenção de professores nacionais para o ensino cívico, geografia, história e espanhol. Pode-se supor que essa condição (que mais tarde não foi cumprida) foi inspirada na ideologia nacionalista e na preocupação razoável com a futura integração menonita na sociedade. Por fim, com o objetivo de estimular investimentos em atividades produtivas, este primeiro Decreto oferece facilidades para acesso a créditos públicos.

A resposta ao convite e ao Decreto de 1955 ficou bem abaixo das expectativas do governo boliviano, uma vez que apenas 100 famílias chegaram a fundar quatro pequenas colônias em terras compradas nas proximidades de Cotoca. Diante de resultados tão insatisfatórios, o governo, no âmbito do Plano Decenal, que formalizou a política de colonização apoiada pela cooperação internacional, buscou incentivar a imigração menonita com a promulgação de um segundo decreto, o Decreto Supremo 06030 (**ANEXO 1**), em março de 1962.

Esse decreto ratifica os "privilégios" e até os amplia porque, na área da educação, elimina a obrigação de ensinar certas disciplinas pelos professores bolivianos, sugerindo que "eles serão capazes de fornecer professores para aprender em castelhano". No entanto, o verdadeiro objetivo do Decreto era incentivar a chegada de investidores estrangeiros, incluindo menonitas e japoneses, oferecendo-lhes instalações de imigração e a importação gratuita de máquinas, insumos agrícolas e até mesmo bens domésticos. Deve-se notar que essas instalações são limitadas "para o período de instalação e organização no país"

Cinco anos depois, em 1967/68, a primeira grande imigração foi dada com a fundação de quatro grandes colônias, organizadas a partir do México para resolver problemas de superpopulação e disputas sobre o uso de instrumentos "modernos" nas colônias menonitas daquele país. É improvável que o Decreto Supremo 06030, por si só, tenha influenciado essas fundações, uma vez que o importante para os menonitas foi manter a garantia de "privilégios" já estabelecidos em 1955.

A partir de 1967, todavia, menonitas descontentes com a secularização (modo de vida que não está estruturado em torno da religiosidade) no México e no Canadá, migram para a Bolívia. A maioria se instala no Departamento de Santa Cruz. O número de colônias cresce com a chegada de migrantes do Paraguai (GIESBRECHT; KLASSEN, 2011; WARKENTIN, 1987).

Na década de 1970, (período de incentivo para a cultura do algodão), o governo de fato parecia romper com a tradição de estimular a imigração menonita ao promulgar o Decreto Supremo 13261 de dezembro de 1975, que suprimiu o DS 06030. Justifica essa medida sob a alegação de que "o período de instalação" das colônias menonitas havia terminado.

De acordo com Kopp (2015), a **Tabela 1** resume os números populacionais estimados nas Colônias dos quatro países latino-americanos onde têm maior presença. Uma vez que as fontes escritas encontradas contêm dados incertos, os valores indicados na tabela são apenas estimativas que foram obtidas por pessoas familiarizadas com o meio ambiente.

**Tabela 1** – Estimativa da quantidade de colonos menonitas em quatro países da América do Sul.

País actual de residencia	Población actual de colonos menonitas	Años principales de la inmigración	Región de procedencia	Razón principal para la migración
<i>México</i>	<i>100.000</i>	<i>1922 y siguientes</i>	<i>Canadá</i>	<i>Anulación de "privilegios"</i>
<i>Belice</i>	<i>6.500</i>	<i>1956 y siguientes</i>	<i>México</i>	<i>Falta de seguridad</i>
<i>Paraguay</i>	<i>30.000</i>	<i>1927,</i> <i>1930-1945</i>	<i>México,</i> <i>Canadá</i> <i>Rusia</i>	<i>Sobrepoblación</i> <i>Expulsión</i>
<i>Bolivia</i>	<i>50.000</i>	<i>1954</i>	<i>México,</i> <i>Canadá,</i> <i>Paraguay</i>	<i>Sobrepoblación</i> <i>Oportunidades</i>
<b>Totales</b>	<b>186.500</b>			

**Fonte:** Kopp, 2015.

Apesar dos incentivos do governo boliviano para a imigração terem sido suprimidos nos anos 70, as condições acordadas entre os menonitas e o governo continuam vigorando. Uma vez fixadas as condições do acordo, o fluxo da migração e a criação de novas colônias não dependiam de novos decretos, mas sim de oportunidades objetivas como acesso a terras, infraestrutura rodoviária, acesso a mercados e disponibilidade de meios de produção.

No próximo capítulo da Dissertação, vamos apresentar dados que comprovam a expansão das colônias menonitas na Bolívia, no transcurso das últimas décadas. Essa expansão, apesar de envolver aspectos políticos (como a manutenção dos "privilégios" concedidos para

os menonitas em 1945) e aspectos econômicos (como a existência de um mercado de terras), também envolve elementos culturais, sobretudo porque os menonitas residentes na Bolívia desenvolveram estratégias culturais que permitem a manutenção da sua identidade, sem conflitos com os grupos externos.

## CAPÍTULO II

### OS MENONITAS E SUA INSERÇÃO TERRITORIAL NA BOLÍVIA

Entrar e sair dos territórios significa ter que negociar num contexto de multilinguismo e códigos sacionormativos, e os menonitas não escapam à tais trocas simbólicas. Ao mesmo tempo, nesse trânsito emergem possibilidades de produção de coexistências, hibridismos, conflitos e choques.

Nesse aspecto, trabalharemos a ideia de transterritorialidade que, para Haesbaert (2012), deriva da concepção de que a territorialização ocorre à medida que o sujeito social se movimenta entre espaços diferentes, onde estabelece e insere neles relações oriundas das suas raízes culturais. Só se dá de fato quando uma mudança de território/territorialidade implica efetivamente numa mudança de comportamento e numa mescla cultural.

Em pesquisa documental realizada na Prefeitura Municipal de San José de Chiquitos tivemos acesso ao Plano de Desenvolvimento Municipal (PDM)<sup>11</sup>, que a partir do ano de 2016 tornou-se Plano Territorial de Desenvolvimento Integral (PTDI)<sup>12</sup>. Este documento tem vigência 2016-2020 sendo atualizado a cada cinco anos e reúne dados sobre o município nas diversas áreas como: desenvolvimento social e territorial, educação, economia, saúde, metas, projetos, entre outros.

De acordo com PTDI, San José de Chiquitos recebeu migrantes de diversas zonas do país e do exterior, assim é demonstrado com a presença de menonitas, brasileiros e migrantes de outras regiões do país, não havendo dados recentes e concretos do fluxo migratório.

Conforme o documento, os produtores menonitas tiveram acesso à terra por meio de compra em negociação direta com o Estado. A organização menonita compra em conjunto uma superfície considerável de terras para distribuí-las entre os membros. A compra é feita com recursos de uma determinada comunidade e a divisão dos lotes, em tamanho equitativo, reforça os vínculos de confiança e compromisso entre os membros.

O município de San José de Chiquitos, chamada localmente somente de San José, é a capital da província de Chiquitos, no departamento de Santa Cruz. De acordo com dados do censo possui 28.922 habitantes (INE, 2012). Dentro de sua jurisdição há três povoados: San

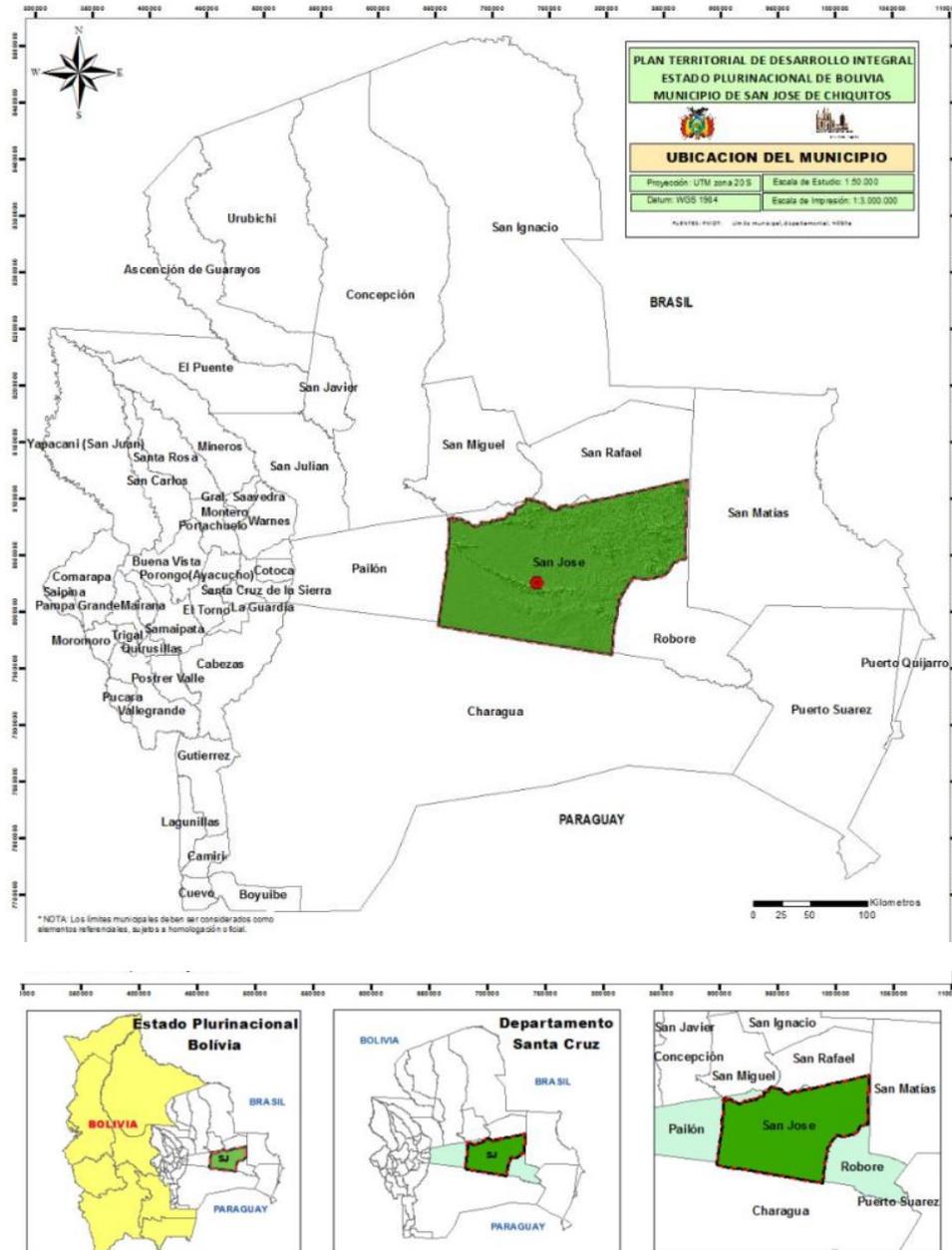
---

<sup>11</sup> No original: Plan de Desarrollo Municipal – PDM

<sup>12</sup> No original: Plan Territorial de Desarrollo Integral (PTDI)

Juan, Natividad e Motacusito. De acordo com o PTDI (2016), o município conta com 5 colônias menonitas.

**Mapa 2-** Localização do Município de San José de Chiquitos.



Fonte: PTDI, 2016.

De acordo com o PTDI (2016): “um terço da população de San José de Chiquitos está conformada por migrantes estrangeiros de denominação religiosa menona, conhecidos como

menonitas”, concentrados em colônias rurais, onde encontraram terras e liberdade para expandir seus negócios e manter seu modo de vida.

Outro município da província de Chiquitos que possui 5 colônias menonitas é San Juan de Chiquitos, que se distancia da cidade de San José aproximadamente 111 km, conforme dados do PTDI (2016). De acordo com o documento, a estrutura social da população do município se divide em grupos de empresários agrícolas, empresários pecuaristas, agropecuários, pequenos produtores agrícolas, comunidades indígenas chiquitanas com produção agropecuária como forma de subsistência, migrantes do ocidente da Bolívia e colonos menonitas dispersos nas cinco colônias.

**Figura 01:** localização das Colônias menonitas “Sabina I e II”.



**Fonte:** Google Maps (2021); adaptado pelo autor

## 2.1 A questão linguística dos menonitas

De acordo com o PTDI (2016), há 5 colônias menonitas no município de San José de Chiquitos. Ainda de acordo com o documento, as línguas mais faladas no município são o castelhano, com (45, 33%), quechua com (2, 89%) e o alemão entre as línguas estrangeiras com (25,9%), como pode ser observado no quadro abaixo:

**Quadro 1-** População de acordo com o idioma que fala no município de San José de Chiquitos

Línguas que fala	Urbana/Rural			Porcentagem
	Área Urbana	Área Rural	Total	
Castelhano	8.632	3.833	12.465	45,33%
Quechua	164	660	794	2,89%
Alemão	9	7.127	7.136	25,95%
Sem especificar	2.984	3.799	6.783	24,67%

**Fonte:** PTDI (2016, p. 55). Traduzido pelo autor

Em visita *in loco* a San José foi observado que em diversos lugares da cidade há cartazes em espanhol e no dialeto *plautdietsch* falado pelos menonitas. O fato é um indicativo da importância dos menonitas na economia local e da territorialidade. Nesse sentido recorremos a Milton Santos para chegar a uma definição apurada de território enquanto lugar de trocas:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem...A ideia de tribo, povo, nação e, depois, de Estado nacional decorre dessa relação tornada profunda. (SANTOS, 2001)

A questão do idioma usado pelos menonitas merece algumas considerações. Ao usarem o dialeto *plautdietsch* eles reforçam seus vínculos identitários. Como bolivianos, nascidos no Estado Plurinacional da Bolívia, teriam por direito civil comunicar-se na língua oficial do país, que é o espanhol, mas não é o que acontece. O dialeto demarca as regras da hierarquia patriarcal na comunidade: mulheres e crianças não podem usar outra língua a não ser o *plautdietsch*. Os homens adultos, porém, têm a liberdade de aprender e falar o espanhol que vai ser usado para se comunicarem, de uma maneira geral, no interior da Bolívia e nas cidades de fronteira. Comunicar-se em linguagem apropriada, que vai facilitar suas relações sociais, é uma imposição da cidade para os homens que saem do campo em busca de soluções para o dia a dia. Nesse aspecto, Raffestin vê a linguagem como um instrumento de poder e ação social:

Na medida em que crescerem as relações político-econômicas com a cidade, o campo utilizará cada vez mais a linguagem da cidade. Por meio das relações que domina, a cidade também impõe sua linguagem, com a qual expressa suas técnicas. Assim, pode-se dizer que começa o processo de enfraquecimento da língua do campo, pois a linguagem da cidade não é a da comunidade camponesa, é a de um estranho. Para o camponês, a linguagem da cidade é o veicular que se deve utilizar para além de uma certa distância, de um certo raio. Além disso, essa linguagem não será usada todos os dias, mas deverá ser dominada ou ao menos compreendida para os dias de comércio na cidade. Esse processo de enfraquecimento foi lento, pois vê-se que sob a Revolução Francesa o abade Gregório teve de fazer um comunicado para indicar os meios para extirpar os dialetos e impor o francês no conjunto do território nacional, por exemplo. (RAFFESTIN, 1993)

Para Raffestin, a relação linguística é subentendida por outra relação. Uma relação de mais-valia no sentido marxista do termo pois, para ele, trata-se de uma quantidade de capital variável que é subtraída. O geógrafo não fala de uma mais-valia direta, como a que é detectada na relação econômica, “mas de uma mais-valia indireta, de caráter sêmico, que se manifesta no plano da língua, que é feita nas profundezas da relação de produção”.

Da mesma forma que a cidade impõe seu modo de troca econômico, impõe também o seu modo de troca linguístico, que constitui a superestrutura do primeiro. Essa mais-valia linguística recuperada pela sociedade urbana promove a língua dessa sociedade à categoria de veicular. A classe dominante, por meio de seus códigos, apropria-se da produção, da circulação e da interpretação das mensagens e passa a controlá-las. A cidade controla, ao mesmo tempo, a circulação dos bens e das informações. Quer se tome a análise no plano político, quer no plano econômico, a estrutura permanecerá a mesma. Nessas condições, a comunidade situada na interioridade conhece uma dupla alienação: no plano econômico e no plano linguístico. (RAFFESTIN, 1993)

Como se trata de um sistema semiótico-social, a língua já existe muito antes de qualquer um de nós neste mundo civilizado. Aquilo que falamos não é apenas o produto de nossos pensamentos, pois a língua está por trás dos significados que organizam o mundo e as relações sociais.

Para Hall (2006), a língua é a estrutura e o sistema social e é através dela que um indivíduo assume um lugar na sociedade. É porque o intercâmbio linguístico com o grupo que determina o status do indivíduo e o molda como pessoa. Ou seja, aquilo que eu falo realiza, ao mesmo tempo, o que eu sou e o meio em que vivo. No caso dos menonitas bolivianos, o conflito entre a cultura nacional – como sistêmica – e a cultura étnica – como social – surge em virtude das preocupações internas do grupo em preservar os seus recursos culturais, os quais se

mostraram valiosos em toda a trajetória do grupo. Essa preocupação revela que, também no interior do grupo menonita, a dialética entre comportamento social e sistema religioso atua como fator diferenciador. As experiências menonitas, numa visão de fora, parecem poderem ser úteis para outros grupos de imigrantes enquanto referências e reflexões importantes sobre a problemática, sobretudo num ambiente multicultural como é o caso da Bolívia.

**Figura02:** Distribuição de panfletos à população.



**Fonte:** LICETTI, Luiz Fernando Rodrigues (2020)

Esse processo, que é linguístico, determina a pessoa que eu sou – minha identidade. Apesar de cada um se identificar de maneira autônoma, a composição da identidade depende de fatores sociais. Além disso, nossa identidade não é fixa, pois estamos sempre em processo de “identificação”; preenchendo nosso interior com mundo exterior a todo momento. Em outras palavras, mudamos constantemente conforme imaginamos sermos vistos pelo outro.

No entanto, dentro da ótica menonita a preservação da língua acaba sendo um fator que acaba de certa forma autosegregando os indivíduos. Sociologicamente, se diz que compartilhar uma língua cria identidade ao incluir membros da comunidade em um processo social complexo, cuja função cria coesão por meio de representações simbólicas compartilhadas.

As características da estrutura de linguagem, “o pensamento ou o conhecimento podem estar relacionados com as funções que os seres humanos em grupo têm na e para a vida” (ARCIGA, 2004). Nas colônias menonitas bolivianas são falados o chamado dialeto de *plautdietsch*, cuja significado é: alemão plano ou alemão baixo, originário do norte da Alemanha e nordeste da Holanda, na região plano, muito baixo acima do nível do mar. A partir

desta situação geográfica foi chamada de linguagem *plautdietsch* ou região dos países Baixo. É uma linguagem que manteve sua base holandesa-prussiana por cerca de 500 anos (SIEMENS, 2013).

Mais tarde, no século XIX, os menonitas emigraram para o Canadá e os Estados Unidos. E depois, no século XX, para a América Central e a Bolívia, e “todas essas migrações influenciaram na extensão do vocabulário menonita adicionando à sua base principal de holandês-alemão e prussiano-russo, palavras em inglês e algumas em espanhol” (OROZCO, 2006, p.15).

A sua história permite-nos compreender a razão do uso da linguagem como parte da construção identitária. Os menonitas, em diferentes lugares do mundo, usam a versão da Língua Alemã conhecida como “baixo alemão” e por meio deste idioma realizam o estudo da Bíblia e os seus rituais litúrgicos. Trata-se de um idioma que não incorporou as derivações da Língua Alemã produzidas nos últimos séculos, e, conseqüentemente, não apresenta uma série de variações fonéticas e gráficas decorrentes da padronização linguística promovida durante a formação dos antigos estados alemães.

A opção pelo uso do “baixo alemão” como língua principal dos menonitas foi explicada por Siemens (2018) da seguinte forma:

Ficamos [os menonitas] com o alemão como nossa língua oficial, por exemplo, na Bíblia, e não com as línguas dos diferentes países pelos quais migramos porque eles nos incutiram que era o melhor a ser feito, foi a linguagem que todos os menonos deveriam falar, os menonitas pensam que as outras línguas são mundanas, e os ancestrais pensavam que se mudassem de língua perderiam nossa identidade, e certamente teria acontecido, teríamos perdido o que nos torna diferentes. (SIEMENS, p. 120, 2018)

A definição apresentada por Siemens – um filósofo alemão e pesquisador do *plautdietsch* - ressalta o uso estratégico do idioma como elemento de proteção da identidade menonita. No entanto, o mesmo uso produz, como efeito colateral, limitações na interação entre os menonitas e os povos que possuem outros idiomas. Sob certo aspecto, a manutenção do *plautdietsch* opera como um “filtro cultural”.

Quando começamos a compreender a peculiaridades dos menonitas entendemos que esse povo começa a se diferenciar dos demais quando mantêm as crenças, atitudes e projetos básicos que manifestam a sua cultura e respondem às suas reais necessidades. Estes não são

fixos, eles mudam com as situações históricas, transformando-os em um novo desafio à identidade dos menonitas, geralmente fazendo que assuma diferentes formas, sendo por vezes autosegregados diante da cultura dominante e, talvez para seu pesar, os membros da cultura se veem forçados a mudar minimamente algumas de suas representações, não no cerne de onde ela está inserida, mas sim na periferia que tem a ver com o contexto onde ele vive.

## CAPÍTULO III

### A MOBILIDADE DOS MENONITAS PARA ALÉM DA FRONTEIRA

Neste capítulo vamos abordar o fenômeno das migrações na fronteira Brasil-Bolívia, com ênfase no grupo de nosso estudo, os menonitas residentes na Bolívia.

Em primeiro lugar, importa reconhecermos que não existe uma forma de quantificar o número de menonitas que cruzam a fronteira, tendo em vista que todos eles possuem documentação boliviana. Para ingressar no Brasil o boliviano não precisa de autorização, somente se for permanecer por mais de 90 dias na cidade de fronteira.

A maior parte dos migrantes bolivianos que passa por Corumbá não permanece na cidade. Eles ingressam no Brasil por Corumbá, mas o seu destino principal é São Paulo. Nos últimos anos, tem se observado que além da antiga conexão Corumbá/São Paulo, existe também um fluxo de bolivianos para cidades como Belo Horizonte e Campo Grande, dentre outras. Esse imigrante de passagem pela fronteira permanece por muito pouco tempo naquela região, buscando embarcar o quanto antes ao destino desejado (OLIVEIRA & CAMPOS, 2015). A esse tipo de imigrante é necessário ter o visto de ingresso, emitido pelas autoridades competentes

O Documento Especial Fronteiriço (DEF) é o documento necessário para o ingresso e permanência legal de bolivianos no Brasil que propicia a figura legal, documentada do cidadão fronteiriço e possibilita que ele resida, estude e/ou trabalhe na cidade de Corumbá. Tal visto será concedido pelo prazo de 5 anos. Esse documento é regulamentado pelo Decreto nº 6.737, de 12 de janeiro de 2009. Possui 11 artigos e 01 Anexo de localidades vinculadas: 1. Brasília (AC) a Cobija. 2. Guajará-Mirim (RO) a Guayeramirim. 3. Cáceres (MT) a San Matías. 4. Corumbá (MS) a Puerto Suarez. (BRASIL. Decreto nº 6.737, de 12 de janeiro de 2009.) Na sequência há o visto temporário concedido por 02 anos, para residência, estudo ou trabalho. Quanto ao visto permanente será concedido por 09 anos, para residência, estudo ou trabalho. Geralmente, o visto permanente é concedido após o visto temporário, “estágio probatório”, exceto se o estrangeiro for casado com cônjuge brasileiro ou tiver filho brasileiro menor de idade. Ademais, nas hipóteses da Lei nº 9.505/97: I) a partir de 60 anos de idade; ou II) ser deficiente físico o visto permanente passa a ter um caráter indefinido. (BRASIL. Lei nº 9.505, de 15 de outubro de 1997).

É importante ressaltar que na cidade de Corumbá identifica-se as três tipologias de imigrantes procedentes da Bolívia: pendulares, de passagem e permanentes. Segundo Corrêa

(2016), os imigrantes “pendulares” são considerados aqueles que realizam um intenso fluxo de idas e vindas de um país fronteiriço para o outro em razão de trabalho, e/ou estudo, compras, busca por atendimento médico etc. Para transitar na fronteira cada tipo de imigrante demanda um tipo específico de documentação.

A inserção de Corumbá nas rotas de migrações bolivianas para o Brasil não é recente. A partir da segunda metade do século XX, com o dinamismo trazido pela construção da ferrovia em direção à Santa Cruz de La Sierra, intensificou-se a interação dos corumbaenses com os vizinhos bolivianos (OLIVEIRA NETO, 2005). Nas décadas de 1940 e 1950, muitos bolivianos cruzaram a fronteira para trabalhar nas obras da ferrovia, e uma parte deles permaneceu no Brasil depois da conclusão das obras.

Segundo Mancilla Barreda (2017), o fluxo de bolivianos para o antigo estado de Mato Grosso<sup>13</sup>, já estava em curso durante a construção da Ferrovia Noroeste, nas primeiras décadas do século XX. Neste sentido, as obras ferroviárias (primeiro a ferrovia Noroeste Brasil e depois a ferrovia Corumbá-Santa Cruz), podem ser consideradas elementos propulsores do povoamento entre fronteiras até então praticamente subordinada à navegação platina.

Grosso modo, podemos destacar dois períodos das correntes migratórias bolivianas. O período 1939-1954 se destacou pela construção da ferrovia no lado boliviano da fronteira e impulsionou, expressivamente, o deslocamento dos que viviam nas cidades de San José de Chiquitos, Roboré, Tapera e Santa Cruz de la Sierra. Posteriormente, nas décadas de 1970 e 1980, um fluxo de bolivianos habitantes do altiplano começou a se direcionar para a fronteira do Brasil. Este novo fluxo migratório foi motivado pelo crescimento do comércio internacional e, particularmente, pelo comércio de produtos vindos da Ásia. A oferta de empregos na área da construção civil também foi um atrativo. Naquele contexto, os bolivianos que se instalavam em Corumbá provinham, maciçamente, de cidades como Cochabamba, La Paz, El Alto, Sucre e Cusco. (MARINI, 2016, p. 41).

A interpretação do fluxo migratório na fronteira Brasil-Bolívia é bem mais complexa. De acordo com Filartigas (2014), as informações da Polícia Federal em Corumbá revelam que no ano de 2013 o fluxo migratório de bolivianos no Brasil foi além da região fronteiriça e, portanto, não se traduziu em movimentos pendulares (ou diários). Dados de campo revelam que do total de bolivianos que entraram no país por Corumbá, em 2013, 85% migraram para a cidade de São Paulo, 10% para Campo Grande e 5% para outros estados brasileiros. Segundo os

---

<sup>13</sup> Corumbá pertenceu ao estado de Mato Grosso até 11 de outubro de 1977 quando o Presidente-General Ernesto Geisel assinou o documento decretando a emancipação político-administrativa do até então Estado de Mato Grosso e assim criando o atual Estado de Mato Grosso do Sul.

policiais que trabalham no posto da fronteira, essa foi a tendência da última década. Em geral, essas pessoas já possuem familiares e amigos trabalhando na cidade e buscam emprego e melhores condições de vida no Brasil.

Costa (2008) nos relata que a entrada de estrangeiros em Puerto Quijarro a partir de Corumbá e da Bolívia para o lado brasileiro se dá através de trânsito praticamente livre. Segundo este autor:

Não há barreiras, a não ser alfandegárias, para carros ou pedestres, a não ser que a pessoa esteja carregando malas, ou que haja a suspeita de que possa estar realizando algum comércio considerado ilegal (nem todos os veículos são parados, por exemplo). O trânsito entre as duas cidades é intenso, em função do comércio e das relações sociais intrínsecas que aí se estabelecem (COSTA, 2008, p. 57).

A presença do pedágio do lado brasileiro tinha até pouco tempo a função de “frear o fluxo”, entretanto a sua recente desativação tornou ainda mais facilitado o fluxo de veículos e de pessoas entre os dois países, nas cidades citadas. Somente aqueles que apresentam indícios de comércio ilegal é que são alvos de uma revista mais apurada do posto alfandegário situado nos limites de fronteira. Esse aspecto facilita a entrada de imigrantes e sua permanência no país.

A facilidade do ingresso no cruzar a fronteira do lado boliviano para o brasileiro e vice e versa, por si só não explica o expressivo trânsito de menonitas em Corumbá. Acreditamos que uma das explicações está dentro da Bolívia e diz respeito a expansão das colônias menonitas para regiões próximas ao município de Corumbá fenômeno que atualmente está em curso.

### **3.1 Corumbá e a zona de fronteira Brasil-Bolívia**

Dentro do contexto mais amplo e complexo das migrações menonitas, o foco da pesquisa desenvolvida incide na presença de menonitas na zona de fronteira que envolve as cidades de Corumbá e Ladário, em Mato Grosso do Sul, Brasil, e Puerto Quijarro e Puerto Suarez, no Departamento de Santa Cruz, Bolívia. Esta região se caracteriza como uma semiconurbação (fenômeno que ocorre quando cidades limítrofes se expandem ao ponto de encontrar-se, compondo um único núcleo urbano, nesse caso parcial) com aproximadamente 170 mil habitantes, tendo Corumbá como seu centro dinâmico.

Para Corumbá se dirigem bolivianos de diferentes localidades em busca de trabalho ou para comercializar com os brasileiros. Parte do trânsito de bolivianos para Corumbá é motivada pela procura por serviços especializados oferecidos no Brasil e envolve uma rede de migrações bolivianas que conectam Corumbá com diversos pontos do território brasileiro, como por

exemplo, a capital Campo Grande, polo econômico e sociocultural de Mato Grosso do Sul, São Paulo e cidades do interior paulista.

As relações entre as cidades brasileiras Corumbá e Ladário e as cidades bolivianas Puerto Suarez e Puerto Quijarro, que formam a fronteira Bolívia-Brasil, foram construídas sob a influência da ideia de defesa nacional dos territórios no século XVIII. No lado brasileiro, Corumbá e Ladário, ambas fundadas em 1789, são fruto da ocupação pós-Tratado de Madri (1750).

No lado boliviano, Puerto Suárez (1875) ganhou forma como resultado de uma iniciativa do Estado de garantir a manutenção do território a partir de sua ocupação, fruto de incertezas trazidas pela Guerra do Paraguai (1864-1870). Puerto Quijarro, por sua vez, destoa desse enredo, uma vez que sua fundação decorreu da construção de uma estação ferroviária na linha que liga aquelas cidades brasileiras a Santa Cruz de la Sierra (1948).

Trata-se de uma fronteira cujo crescimento demográfico esteve diretamente ligado às correntes migratórias, sejam as internas de cada país, sejam as internacionais, de variadas origens. Estudos indicam a presença de mais de duas dezenas de nacionalidades convivendo naquele espaço no início do século XX (OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2016), oriundas de quatro continentes.

As cidades supramencionadas podem ser consideradas como parte da fronteira binacional e, simultaneamente, podem ser consideradas cidades limite. Cabe ressaltar que *limite* e *fronteira* não são sinônimos. Enquanto o primeiro denota uma linha imaginária, que é fruto de acordos internacionais, definindo soberanias e demarcando territórios, a segunda é considerada como o resultado de vivências construídas nos ambientes limítrofes, portanto, pertencente aos povos que a compõem (MACHADO, 2000).

Por estar no limite do território brasileiro, Corumbá recebe uma atenção especial do Estado, sendo um lugar que deve ser “vigiado”, “fiscalizado” e “protegido”. E por ser parte constituinte da fronteira, a mesma cidade é percebida (e representada na imprensa brasileira) como um lugar de riscos, de contatos com o “outro”, e de permissividades inerentes à sua condição. Estes estereótipos coexistem no imaginário social e influenciam nas relações que Corumbá e a sua população estabelecem com as demais partes do Brasil e com os bolivianos (migrantes ou residentes na cidade).

As relações entre Corumbá e os bolivianos possuem uma longa temporalidade e, portanto, sendo os bolivianos menonitas como objeto deste estudo, entendemos ser pertinente

abordar o fenômeno das migrações na fronteira Brasil-Bolívia. Iniciamos a abordagem apresentando algumas interpretações sobre o sujeito migrante.

Para Sayad (1998), o migrante é um ser em permanente conflito, principalmente no tocante à ideia do retorno. Ainda de acordo com o autor, o migrante está inserido na ordem das nações, o que classifica sua permanência e seus níveis de aceitabilidade e de sociabilidade.

Hass (2010) considera a existência dos semi-retornados como uma espécie de codinome ao migrante pendular, os insere em uma complexa situação de perdas de direitos em ambos os países, uma vez que em sua terra natal ele não é mais considerado pleno cidadão, nem pelo Estado nem por parte da sociedade.

No que se refere aos migrantes de passagem podemos identificá-los naqueles que fazem da fronteira como local de travessia, visando regularizar seu ingresso no Brasil. Para Sayad (1998), tal migrante utiliza a fronteira apenas como um corredor de passagem. Seu destino será, em especial, grandes centros comerciais, onde buscará maiores oportunidades laborativas.

Os migrantes permanentes representam aqueles que residem, trabalham, constituem família, ou seja, constroem uma vida na cidade estrangeira e estabelecem vínculos profundos com a nova pátria.

Oliveira (2005) afirma que Corumbá é rota intensa de entrada de migrantes bolivianos no Brasil. Isto é notável, historicamente, uma vez que por fazer parte da Bacia Platina, após a Guerra do Paraguai, tornou-se importante centro atrativo de estrangeiros. Para cá se deslocaram, entre o final do século XIX e os anos 1920, migrantes de diversas nacionalidades, como italianos, portugueses, espanhóis, franceses, sírios, libaneses, entre outras. Atualmente, a cidade ainda é composta por inúmeros grupos de migrantes. Os principais são bolivianos e palestinos, chegados aqui entre os anos 1940 e 1950.

Grande parte dos variados fluxos sociais, econômicos e culturais que emergem nesta urbe está relacionada com a existência da fronteira Brasil-Bolívia através deste município. Corumbá possui diversas peculiaridades, algumas próprias das regiões de fronteira, o que a torna uma localidade privilegiada. O destaque é o grande número de migrantes que sempre recebeu.

É muito importante conhecermos, especificamente, as demandas dos migrantes bolivianos, porque há uma crescente inserção deles em Corumbá: nas escolas públicas, em atividades comerciais, na procura por serviços públicos em geral. No Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC), escola municipal de ensino público corumbaense no bairro Dom Bosco mais próxima da linha divisória com a cidade de Puerto Quijarro, há um intenso trânsito

de automóveis com placas da Bolívia que diariamente cruzam a fronteira para trazer estudantes. Os alunos bolivianos representavam mais de 50% do contingente dos matriculados no ano letivo de 2022.

Há nesta terceira década do século um bairro inteiro formado por imigrantes bolivianos no entorno da avenida Edu Rocha, no bairro Aeroporto, justamente nas proximidades da Praça Urkupiña, construída em homenagem aos imigrantes bolivianos onde antes se instalavam as barracas da Feira Brasbol (Brasil-Bolívia), desativadas em 2010 por decreto municipal. Com a extinção da feira, os comerciantes se fixaram no entorno, em diferentes pontos comerciais regulamentados, onde se vende de tudo, de roupas a eletroeletrônicos, de refrigerantes em fardo a rações para animais, em horários flexíveis, já que os locais servem também como residências para os que decidiram se fixar em Corumbá.

Nesse aspecto, é pertinente o olhar para a fronteira como um lugar de comunicação e troca: os povos podem se expandir para além do limite jurídico do Estado, desafiar a lei territorial de cada Estado limítrofe, criar uma situação de fato, potencialmente conflituosa, obrigando a revisão de acordos diplomáticos. (MACHADO, 1996).

A convivência entre bolivianos e brasileiros na fronteira provoca movimentos de interação cultural por meio dos quais os dois grupos estabelecem relações de cooperação ou de enfrentamento. A questão também produz desdobramentos políticos, na medida em que o imigrante boliviano se torna um usuário dos serviços públicos oferecidos pelo governo brasileiro – situação respaldada pelos acordos diplomáticos ratificados pelo Brasil e pela Bolívia.

Em fevereiro de 2010, uma campanha de três dias, no Centro Boliviano-Brasileiro 30 de Marzo, contemplou os migrantes com o registro civil de nacionalidade boliviana, por iniciativa da Defensoria do Povo da Bolívia, do Consulado Boliviano e da Pastoral do Migrante de Corumbá. Dessa forma, crianças com até 12 anos nascidas em Corumbá ou Ladário, com pai ou mãe boliviana, receberam, sem custo, o registro boliviano, mesmo se já contasse com a certidão de nascimento brasileiro. Por direito constitucional, a nacionalidade boliviana visa garantir o acesso aos benefícios que o país concede aos cidadãos e pode ser feita por adultos, mas com custos.

### **3.2 Os menonitas inseridos nos fluxos migratórios Bolívia/Brasil**

A Constituinte de 2009 deu à Bolívia a designação de Estado Plurinacional da Bolívia, e reconheceu, além do espanhol, 36 línguas de etnias originárias, entre as quais as mais

conhecidas e faladas, o quechua e o aymara. Nesse país pluricultural habitam, só no departamento de Santa Cruz, 20.840 chiquitanos (Instituto Nacional de Estatística, 2012), grande parte deles agrupada na Comunidade Indígena Urbana El Vallecito II, de um total de 374 comunidades de povos ancestrais. Chiquitanos também são maioria em San José de Chiquitos, cidade formada a partir das reduções jesuíticas, a 135 km de Santa Cruz. Os ayoréos se espalham em 28 comunidades pelos municípios que compõem o bloco fronteiriço, El Carmen Rivero, Puerto Suarez e Puerto Quijarro, além de San José de Chiquitos, Roboré, Santa Cruz, Palón, Cuatro Cañadas e Concepción.

É dentro desse contexto histórico e etnicocultural que se situam as comunidades dos menonitas, presentes na Bolívia, a partir de 1954. A preservação da língua é um traço comum entre os menonitas. Da mesma forma que a língua, enquanto falada e preservada, apresenta-se como fator preponderante para a conservação das comunidades étnicas dos povos originários da América, os menonitas se amparam nela para manter a identidade, costumes e tradições legados por seus ancestrais. Ao mesmo tempo em que se fecham ao comunicar-se internamente em *ploutdietsch*, dialeto alemão recebido de seus antepassados germânicos, abrem-se ao utilizar o espanhol nas suas inter-relações de negócios na Bolívia e para além da fronteira.

O caso dos menonitas, apesar de não ser o único, é um interessante exemplo de como a cultura é usada para construir e manter uma identidade social, demarcando diferenças entre os que estão “dentro” do grupo, e os que estão “fora”, como aborda Marilena Chauí em *Convite à Filosofia* (2000). A etimologia da palavra cultura, do latim *colere*, verbo que significa cuidar, aponta para a capacidade dos seres humanos de se relacionarem com o ausente, ou seja, através dos símbolos. Os primeiros elementos que formam a cultura são a linguagem e o trabalho, coincidentemente dois dos pilares que norteiam a cultura dos menonitas, que se comunicam por dialeto e tem a agricultura como objetivo de vida.

Cada cultura inventa seu modo de relacionar-se com o tempo, de criar sua linguagem, de elaborar seus mitos e crenças, de organizar o trabalho e as relações sociais, de criar as obras de pensamento e de arte. Cada uma, em decorrência das condições históricas, geográficas e políticas em que se forma, tem seu modo próprio de organizar o poder e a autoridade, de produzir seus valores (CHAUI, 2000, p.62)

Ao se comunicarem internamente por meio de um dialeto milenar, os menonitas buscam preservar tradições tendo como amparo uma linguagem que remonta a cinco séculos. Nesse ponto, a força da linguagem é essencial para narrar a origem dos mitos e das religiões:

“A palavra grega *mythos*, como já vimos, significa narrativa e, portanto, linguagem. Trata-se da palavra que narra a origem dos deuses, do mundo, dos homens, das técnicas (o fogo, a agricultura, a caça, a pesca, o artesanato, a guerra) e da vida do grupo social ou da comunidade. Pronunciados em momentos especiais – os momentos sagrados ou de relação com o sagrado -, os mitos são mais do que uma simples narrativa; são a maneira pela qual, através das palavras, os seres humanos organizam a realidade e a interpretam. O mito tem o poder de fazer com que as coisas sejam tais como são ditas ou pronunciadas. O melhor exemplo dessa força criadora da palavra mítica encontra-se na abertura da Gênese, na Bíblia judaico-cristã, em que Deus cria o mundo do nada, apenas usando a linguagem: “E Deus disse: faça-se!”, e foi feito. Porque Ele disse, foi feito” (CHAUI, 2000, p.173)

Da mesma forma, Reffestin coloca a língua como a base das diferenças e de resistência contra qualquer tentativa de homogeneização e centralização de poder:

(...) a língua é exemplar porque fornece um modelo de análise para todas as outras propriedades qualitativas da população. A resistência por meio da língua se coloca nos mesmos termos da religião, da etnia ou da raça. Toda tentativa de eliminação das diferenças está repleta de um poder opressor que procura realizar, no espaço e no tempo, um campo de ação para se manifestar. Todo poder que se estabelece unifica, centraliza, concentra, homogeneiza, comprime, esmaga de maneira a só trabalhar com uma massa isotrópica. O poder se nutre de isotropia. A anisotropia oferece resistências. Em toda política de integração e de unificação existe uma vontade de apagar as diferenças. Por quê? Porque as resistências se engancham nessas diferenças, que são outros tantos obstáculos ao desenvolvimento de um poder total. Poder total e diferenças são incompatíveis. Contudo, as diferenças existem e sua supressão não tem nenhum fundamento teórico senão eventualmente um fundamento prático. E a "naturalização" do conceito de unidade. (RAFFESTIN, 1993)

Os negócios são outras formas de relações de troca dessas comunidades. O mesmo queijo conhecido como *queijo menonita* encontrado no comércio de Santa Cruz de la Sierra, ao lado da quinoa e outros produtos bolivianos, é vendido em barracas nas Feiras Livres de Corumbá e Ladário, a mais 520 km de distância da metrópole boliviana e a 12 km da linha da fronteira. Nesse aspecto, os menonitas bolivianos se identificam como uma comunidade de imigrantes aberta em suas inter-relações e inserida no contexto de um país plurinacional.

É provável que não conheçam Madona, Michael Jackson, Lady Gaga, ou bandas lendárias da Bolívia como Los Kjarkas Los Masis ou Azul Azul, porque entre eles a proibição da música faz parte de uma convenção que também impede o uso da televisão, do rádio e até da energia elétrica - esta, só em casos excepcionais, é liberada para o trabalho com a voltagem 12 Volts. A aprendizagem é limitada e as escolas menonitas se limitam a oferecer aos alunos a alfabetização básica, a aritmética e estudos bíblicos. Os jovens são preparados à vida no campo

e as mulheres para as tarefas domésticas e à família, e costumam ter em média de dez a doze filhos.

O *ploutdietsch* é falado pelos estudantes nas escolas menonitas e pelas esposas e jovens mulheres em casa. Só aos homens adultos é permitido usar o espanhol para facilitar suas relações comerciais e sociais dentro da hierarquia patriarcal que cria uma autosegregação. Estes e outros tipos de “filtros sociais” usados pelos menonitas são possíveis por dois motivos: primeiro, porque oferecem estabilidade aos membros das comunidades – onde lucros dos negócios são rigorosamente divididos entre as famílias - e, segundo, porque desde 1945 o Estado boliviano tem permitido a reprodução do modelo comunitário de vida dos menonitas.

A imigração menonita coincidiu com a insurreição popular conhecida na Bolívia como a Revolução Nacionalista de 1952. Este movimento revolucionário é considerado o mais emblemático levante do povo boliviano no século XX e foi responsável por importantes mudanças sociais, econômicas, culturais e institucionais operadas na Bolívia até então, mas que com o passar do tempo perderia adesão popular até se transformar em um palco de golpes e contragolpes de ditaduras civis e militares, com troca constante de poder, mas sempre minando os ideais da democracia e os direitos constitucionais.

Para a Bolívia pós-revolução de 1952, era importante fomentar a abertura para novos imigrantes, exatamente o que buscavam os menonitas, desde que as leis locais fossem favoráveis e as terras oferecessem bom cultivo. Para tanto, o país concedeu-lhe “privilégios” básicos que foram do interesse dos seus princípios: liberdade para a execução de sua religião e isenção do serviço militar. Pacifista e conservadores, encontraram um tratamento político e oportunidades econômicas favoráveis para a conservação dos seus princípios éticos e culturais. Com o tempo, eles também puderam administrar as próprias escolas, respeitando a essência da aprendizagem, além de abdicar do direito ao voto.

Perto de completarem 70 anos de história na Bolívia, as comunidades podem fazer um balanço favorável. “Os menonitas se deram bem na Bolívia porque estão num país que respeita as etnias, é um estado plurinacional”, afirma a comerciante boliviana e migrante pendular Carmen Martinez, moradora de Puerto Quijarro e feirante em Corumbá/Ladário.

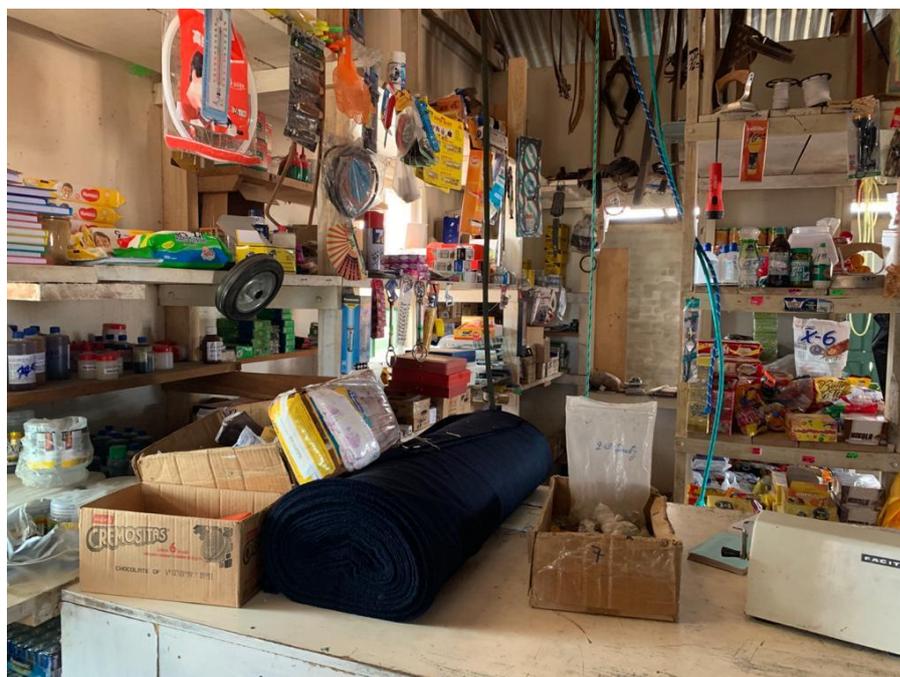
Quando realizamos a entrevistas nas colonias sabinal I e II observamos um pouco da organização social e econômica dos menonitas dentro das colônias, conforme destacamos no trecho a seguir:

- *¿Hay una autoridad en la colonia?* “El obispo constituye aquí es la máxima autoridad”, responde o agricultor menonita I. Hay uno por cada colonia, con

ministros repartidos por los diferentes campos. Su función es cuidar de que los menonitas vayan "por el camino angosto" (estrada estreita, como diz o Sermão da Montanha). Sus cargos son vitalicios. Son elegidos tras muchos días de oración, esperando a que el Espíritu Santo ilumine la decisión. Sólo son elegibles los hombres bautizados, casados y con hijos que hayan demostrado cualidades especiales como padres. Aseguran no recibir remuneración alguna”.

Os bispos são as autoridades máximas dentro da colônia, porém, existem também os Chefs que são os responsáveis pela administração da comunidade. Embora eles não vejam as colônias como cooperativas, eles mantem modelos cooperativos dentro das comunidades. Todas as comunidades possuem armazéns. Em especial as colônias Sabinal I e II são colônias voltadas para a produção de leite e embutidos de carnes. Todos os dias um buggy passa recolhendo animais abatidos e leite nos lotes. Todas essas coletas são direcionadas para um local ao lado do armazém onde é produzido queijo e embutidos. E toda essa produção de queijo e leite se transforma em crédito para os colonos no armazém, onde trocam esses créditos por produtos que vão desde matérias de construção até peças de tratores, combustíveis, lubrificantes e gêneros alimentícios, conforme podemos observar na Figura 03.

**Figura03:** Produtos vendidos dentro do armazém



**Fonte:** LICETTI, Luiz Fernando Rodrigues, 2020

Atualmente, os menonitas são facilmente reconhecidos quando saem das colônias para os centros urbanos. Andam em grupos e se vestem com uniformidade, adotando um padrão que lembra colonos do século passado. Homens sempre de macacão, camisa de mangas longas xadrez e chapéu de palha ou boné, e mulheres com seus vestidos escuros, cabelos presos por lenços, às vezes também de chapéu, e as crianças igualmente trajadas, como cópias miniaturas dos pais. Em Corumbá, é cada vez mais frequente a presença de casais menonitas fazendo compras de produtos brasileiros nas redes de supermercados e farmácias.

Uma das marcas da presença menonita na fronteira Bolívia/Brasil é a comercialização do “queijo menonita”, um produto que atrai os consumidores não só pelo paladar como pelo preço competitivo. O produto é conhecido e indicado por feirantes e consumidores bolivianos e brasileiros como ingrediente para a sopa paraguaia e a chipa. É resultado da boa oferta de terras na Bolívia e da dedicação deles à agropecuária. “O que mantém os menonitas na Bolívia é a terra que é muito boa para plantar e para a criação, e eles vivem disso, da agropecuária. O aprendizado das crianças vai até os dez anos e depois é só trabalho, no campo. Não sei se são felizes assim, vivendo como em épocas passadas”, observa a comerciante boliviana Carmen Martinez, moradora de Puerto Quijarro e feirante em Ladário.

**Figura04:** Queijo menonita vendido na Feira Livre de sexta-feira na rua Joaquin Venceslau de Barros



**Fonte:** LICETTI, Luiz Fernando Rodrigues, 2022.

Os menonitas também desfrutam de boa reputação no âmbito dos negócios e do trabalho na fronteira Brasil-Bolívia “São ótimos patrões, pagam bem, alimentam e tratam bem os empregados”, afirma o comerciante boliviano Felix Diaz, 58 anos, natural de Sucre, ex-funcionário dos menonitas na colônia Nueva Esperanza e hoje feirante em Corumbá. “São ótimos no campo, fazem um dos melhores queijos da Bolívia”, acrescenta. “São meio fechados, mas acho que é um jeito de proteger a cultura deles”.

Sem desconsiderar a opinião dos feirantes supramencionados, importa reconhecermos que a interpretação da cultura menonita é uma tarefa complexa.

### **3.3 Saúde e supermercados: em busca do custo-benefício**

É inútil uma concessória tentar vender uma cabine dupla ou qualquer outro modelo de veículo para um menonita. Mesmo que não lhe falte poder aquisitivo para comprar um automóvel do ano, por princípios esse é um sonho de consumo que não lhe diz respeito. Quem quiser vê-lo ao volante terá de visitar uma das colônias, onde rotineiramente operam tratores com rodas de metal e os minicarros chamados buggys, além das charretes. Os buggys operados pelos menonitas possuem tração animal e com desenvolvimento próprio de montagem e mecânica, no que se aprimoraram por longos anos.

Quando se deslocam para fora de seus ambientes os menonitas contratam motoristas para conduzi-los em vans ou taxis. Em alguns casos os condutores os auxiliam como intérpretes e guias durante as compras no comércio. Esses tipos de transportes fazem parte das normas fixadas pelos grupos.

Existem seis tipos de locais em Corumbá onde os menonitas são encontrados com relativa frequência: (A) clínicas médicas,<sup>14</sup> (B) restaurantes e bares,<sup>15</sup> (C) supermercados, (D) farmácias, (E) hotéis e (F) lojas de produtos agropecuários. Estes locais nos permitem inferir que os menonitas bolivianos procuram em Corumbá, prioritariamente, serviços de saúde e equipamentos ou insumos agropecuários. O trânsito deles por hotéis, restaurantes e supermercados seria uma decorrência dos dois objetivos principais.

Essa mudança de estrutura na fronteira, em torno do custo-benefício, observada na movimentação constante de bolivianos no comércio e no sistema de saúde e serviços de Corumbá, representa uma continuidade e informa sobre as estruturas, conforme Reffestin:

---

<sup>14</sup> A grande maioria deles utiliza a clínica Samec (Serviço de Assistência Médica Corumbaense) com médicos especializados que atendem pelo SUS, conveniados ou particulares.

<sup>15</sup> Neste caso eles tem a preferência pelo restaurante Laço de Ouro, que fica na rua Frei Mariano, no Centro.

Eis porque a geografia, como qualquer outra ciência do homem, deve retornar sem cessar aos seres e às coisas. Nesse sentido, a geografia deve saber ser "imediate", deve saber se debruçar sobre os "casos da vida cotidiana" como se diz em linguagem jornalística. O fato banal, sem importância, se torna de uma extrema significação quando se repete com uma certa frequência, pois informa sobre as estruturas ou sobre as mudanças de estrutura. A repetição impõe sua ordem, mesmo a ordem do intolerável. Uma geografia política imediata deve perseguir esses fatos para denunciar as relações de poder que se instauram e modificam, com o decorrer do tempo, a sociedade na qual se produzem. (RAFFESTIN, 1993)

Fazer inferências é um procedimento válido no âmbito acadêmico. No entanto, este procedimento indica uma limitação na compreensão de um determinado fenômeno. No caso específico do trânsito de menonitas em Corumbá, tema central deste trabalho, no sentido de construir uma interpretação mais consistente do fenômeno. Para atingir este objetivo fizemos 5 entrevistas com menonitas bolivianos que vieram até Corumbá. As entrevistas foram realizadas na colônia Sabinal I, no período entre outubro de 2020 e janeiro de 2021. As gravações em áudio foram transcritas e os participantes assinaram o termo de consentimento.<sup>16</sup> Cabe ressaltar que as entrevistas contaram com a presença de um mediador linguístico menonita com pleno domínio do espanhol e do dialeto *plautdietsch*.

Na Entrevista 1, o entrevistado, afastado de uma colônia menonita com a qual conviveu por 20 anos,<sup>17</sup> lança um olhar crítico, de dentro para fora, sobre as regras e o modo de vida que considera fora de lógica e que, segundo ele, travam o desenvolvimento das comunidades conservadoras e tolhem a liberdade de seus adeptos. Condena, principalmente, o uso de animais como tração, o impedimento do uso interno e externo de automóveis e a proibição do ensino do espanhol para mulheres e crianças. “Eu acho que as crianças deveriam saber falar espanhol na escola, porque, afinal, nós vivemos em que país? Bolívia, né. Qual é o idioma daqui? É o espanhol, né”, afirma o Entrevistado 1.

Para o Entrevistado 1, os menonitas estão vindo com mais frequência a Corumbá em busca de bom atendimento de saúde e preços mais baixos favorecidos pelo câmbio que valoriza o poder de compra do peso boliviano diante do real. Essa mudança no câmbio começou nos

---

<sup>16</sup> Optamos por não inserir o nome dos entrevistados no corpo do texto. No entanto, os nomes constam nos Anexos da Dissertação, nos Termos de Autorização assinados pelos participantes. Considerando a importância do material coletado, inserimos a transcrição das Entrevistas.

<sup>17</sup> O Entrevistado 1 afastou-se da Colônia porque não aceitou seguir as regras de convívio social compartilhadas pelo grupo. Sua saída não impede que ele mantenha contatos profissionais com os membros da colônia e que visite a família e os amigos.

anos anteriores à pandemia em função de políticas externas econômicas adotadas pelo Brasil e pela Bolívia<sup>18</sup>.

Saindo das colônias em San José de Chiquitos, os menonitas bolivianos percorrem uma distância de 372 km até Puerto Quijarro, na divisa com Corumbá, onde chegam ao centro comercial da cidade brasileira em um percurso de mais 12 km pela rodovia Ramón Gomes e rua Dom Aquino. Muitos deles, no entanto, percorrem distância mais longa, os 420 km que separam Corumbá da capital do Estado, Campo Grande, pela BR-262, rodovia pavimentada que corta o Pantanal e na qual os condutores têm como inconveniente o intenso fluxo de caminhões que transportam minério de ferro e manganês da exploração de minas do maciço do Urucum, e os frequentes buracos provocados na estrada pelas toneladas de carga das carretas no tráfego diário.

Em Campo Grande, conforme fica evidente nas Entrevistas 3 e 4 (**Anexos**), uma Casa de Apoio administrada por integrantes da Colônia Manitoba, da cidade de Pailón, distante 52 km de Santa Cruz de la Sierra, recebe menonitas de todas as outras comunidades da Bolívia em busca, principalmente, de tratamento no Hospital de Câncer Alfredo Abrão, que atende pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

Os motivos de renunciar a um percurso mais curto até Santa Cruz em troca de uma distância mais longa até Campo Grande vão desde o custo da consulta e do tratamento à qualidade do atendimento. Com certeza, o sistema de saúde brasileiro é um ponto favorável nessa questão, para bolivianos e imigrantes de qualquer outra nacionalidade. “Lá em Santa Cruz eles nos veem, menonitas, com cara de ricos, parece que querem cobrar sempre mais de nós. Já no Brasil não paguei nada e fiz as vinte sessões de radioterapia”, conta Henrique (na **Entrevista 3**, disponível na íntegra em **Anexos**), referindo-se ao tratamento gratuito pelo SUS.<sup>19</sup>

A Casa de Apoio fica nas proximidades do Hospital de Câncer Alfredo Abrão. O alojamento conta com um administrador da Colônia Manitoba, que repassa os custos de

---

<sup>18</sup> Há quatro anos, a cotação cambial do real estava desigual e os brasileiros ainda cruzavam a fronteira para fazer compras nos shoppings e feiras de Puerto Quijarro: 1 real equivalia a cerca de 4 bolivianos. Esse jogo virou favoravelmente à economia do país vizinho e do poder de compra dos bolivianos. Em 10/04/2022 a cotação era 1 real para 1,46 peso boliviano no câmbio oficial e, em algumas casas comerciais, 1 por 1.

<sup>19</sup> A Constituição Federal, ao prever a saúde como direito social e dever do Estado, criou o Sistema Único de Saúde (SUS), com uma característica que o torna um dos mais democráticos programas sociais do mundo: a universalidade de cobertura (art. 196 e seguintes da Constituição Federal). O art. 2º da Lei 8.080/1990 também prevê a universalidade de acesso ao SUS. Vale dizer, não se pode impor qualquer tipo de obstáculo ao acesso ao SUS, seja relativo a cidadania, renda, classe social e titularização de plano privado de assistência médica. O SUS se destina, pois, ao atendimento de toda a população brasileira, aí incluídos os estrangeiros. Fonte: Conselho de Justiça Federal.

hospedagem e alimentação. “Às vezes chegaram a ficar lá até 40 pessoas, algumas que faziam tratamento de quimioterapia ficavam um bom tempo lá. Quando o Petter sai e faz uma compra, o valor dessa compra é dividido entre todos que estão lá. E dessa compra fazem café da manhã, almoço e janta, não precisamos comprar comida fora. E aí ainda ajudávamos com 50 reais diários para duas pessoas”, afirma Henrique (**Entrevista 3**).

Dentro deste contexto de mobilidade e territorialidade, os menonitas conservadores estariam incluídos no ciclo da globalização como transformadora do planeta em uma aldeia global ou seriam mais um grupo étnico-religioso em diáspora pelo mundo em busca de uma vida de qualidade? A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (SANTOS, 2006), dividindo-se entre uma globalização da perversidade e uma globalização da pobreza, em que “um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas”:

De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA (*Aids*) se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2006)

Por outro lado, Santos vê produzir, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir de lugares e de pessoas. “Esse é, também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar outra coisa” (SANTOS, 2006).

Nesse aspecto, fica aparente o impasse entre menonitas conservadores e aqueles progressistas. Estes, também conhecidos como liberais, com o passar do tempo abandonam certos princípios e adotam uma política de “integração” ao meio, buscando uma readaptação do seu modo de produção. Já os conservadores caminham na contramão da globalização, dentro de uma racionalidade que não se aplica à racionalidade dominante. Inseridos dentro de uma

ampla diversidade social, buscam de um modo heterogêneo preservar valores e princípios, e dessa forma coexistir em meio à sociedade capitalista de consumo globalizada.

## CONCLUSÃO

Pacifistas em um mundo que clama por paz, cristãos ortodoxos em meio a lutas contra a desigualdade social, extremamente rigorosos na formação patriarcal familiar, com relacionamentos e casamentos fechados entre si, os menonitas apresentam singularidades como a recusa ao serviço militar, a rejeição ao ensino escolar público e o uso do idioma *plautdietsch*. Nada que os tornem sujeitos isolados ou estranhos em meio a essa imensa diversidade sociocultural sul-americana.

Na Bolívia, os menonitas são responsáveis por um terço da população de San José de Chiquitos, que cresceu em torno do Complexo da Missão Jesuítica, tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco. Em toda a Bolívia, a comunidade menonita conta atualmente com 56 mil habitantes, a maioria vivendo na área rural de cidades do departamento de Santa Cruz.

Podem até chamar menonitas de fundamentalistas, mas até o final desta pesquisa não há sequer um registro de que estejam vindo ao Brasil para pregar o Evangelho e difundir seus princípios religiosos baseados no Sermão da Montanha. Para a pergunta simples “o que os menonitas vem fazer em Corumbá?” – uma resposta curta e igualmente simples: vem buscar tratamento de saúde e fazer compras de insumos agrícolas, medicamentos e alimentos mais baratos, aproveitando-se da valorização do peso boliviano diante do real. Como, aliás, todo cidadão boliviano que hoje dispõe de recursos financeiros para viajar de Santa Cruz de la Sierra, San José de Chiquitos ou qualquer outra cidade da região oriental da Bolívia para o Brasil.

No entanto, a pergunta simples – o que os menonitas vem fazer em Corumbá? – serviu de tema propulsor para uma pesquisa complexa, que buscou contextualizar toda a trajetória migratória menonita desde a conturbada criação deste grupo em 1527 – seguida de perseguições e mortes – até as migrações mais recentes, igualmente provocadas por intolerância religiosa como a que motivou a saída das colônias da Rússia.

Considerando que os menonitas aplicam recursos na aquisição de terras e na produção agrária, eles se caracterizam como imigrantes desejáveis. Porque juntamente com princípios religiosos que preferem compartilhar entre parentes, trouxeram também a dedicação ao trabalho no campo e se tornaram referência como produtores agropecuários, ajudando a movimentar o PIB do país que, após longos anos nas mãos de ditadores, voltou a registrar taxas de crescimento.

Como demonstramos no estudo, a história dos menonitas na Bolívia é parte de um processo migratório que possui uma temporalidade mais ampla. Os grupos menonitas instalados em território boliviano desde 1954, encontraram um ambiente político e econômico propício à manutenção da sua identidade cultural e religiosa, e, ao mesmo tempo, favorável ao desenvolvimento e a expansão das colônias. Descendentes de grupos que foram perseguidos na Europa, no período da Reforma Religiosa, e posteriormente, transitaram pela América do Norte, eles acumulam uma memória social com muitas experiências de migração e de interação com culturas diferentes. A chegada deles na Bolívia coincide com a instalação no país da Revolução Nacional de 1952 e foi estimulada pela concessão dos “privilégios” e pelo incentivo para compra de terras por estrangeiros. Nos anos 1970 o governo boliviano suprimiu esses incentivos, mas manteve os “privilégios” acordados com os menonitas em 1954. Criou-se assim uma conjuntura favorável para o crescimento de colônias baseadas na produção agrária e na manutenção da identidade cultural.

No quadro político boliviano mais recente, o estabelecimento do Estado Plurinacional da Bolívia, a partir de 2006, contribuiu para a continuidade do modelo educacional menonita, na medida em que reconheceu a manutenção da pluralidade cultural como um dos objetivos do aparelho estatal. O Estado Plurinacional da Bolívia reconhece 36 línguas étnicas, dentre as quais *ploutdietsch* acaba sendo uma a mais dentro de pluriculturalidade.

Os menonistas se desvelam como produtores rurais que veem no trabalho um meio de vida e salvação, e assim passam a integrar o intenso mercado agropecuário do departamento de Santa Cruz. O *queijo menonita*, procedente das colônias bolivianas, é reconhecido e vendido em feiras e mercados da fronteira Brasil-Bolívia.

A pesquisa que realizamos, e, particularmente, as quatro entrevistas com menonitas da Colônia Sabinal I, permitiram-nos identificar elementos altamente complexos na cultura do grupo. Observamos que o ensino exclusivo do dialeto alemão às mulheres e crianças, em detrimento do espanhol, língua oficial na Bolívia – apesar de ser uma prática desejada pelos menonitas – cria uma barreira discriminatória no seio familiar e bloqueia a formação sociocultural.

O modelo de ensino menonita, por ser limitada à aritmética e aos estudos bíblicos, e por ser ofertado somente até os 12 anos de idade, dificulta o acesso das novas gerações ao conhecimento científico e limita a possibilidade de interação com as práticas democráticas e com as instituições políticas de âmbito nacional e internacional. Neste sentido, a educação menonita – assim como suas práticas de casamento intragrupos – operam como dispositivos de

autossegregação. Ou dito de outra forma: os menonitas residentes na Bolívia, intencionalmente, usam a educação para reproduzir e reforçar suas diferenças culturais em relação aos grupos que não compartilham do seu modo de vida.

A autossegregação que constatamos no decorrer da pesquisa não pode ser dissociada da postura do governo boliviano que optou por manter os “privilégios” para evitar atritos com um grupo economicamente importante. Convém ressaltar que a Bolívia foi apontada como “refúgio de menonitas conservadores”, com base em um estudo de Schartner e Dürksen, realizado em 2009.

No que diz respeito à transterritorialidade e, mais especificamente, à presença dos menonitas no lado brasileiro da fronteira Bolívia/Brasil, constatamos que fatores econômicos como a valorização do peso boliviano em relação ao real e a existência de mercado consumidor para os produtos de suas colônias estimulam as viagens para o Brasil.

Assim como os demais migrantes bolivianos, os *menonos* vão às compras nos supermercados, farmácias e lojas de insumos agrícolas. Eles também ingressam na fila do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse aspecto, quando a questão é saúde, desfaz-se entre eles as barreiras ortodoxas que dividem os direitos civis nas relações entre homens, mulheres e crianças – e todos são iguais perante o SUS.

Cabe acrescentar que a busca dos menonitas pelo atendimento do SUS coexiste com a busca por serviços médicos oferecidos por clínicas particulares, tanto em Corumbá, quanto em Campo Grande. Neste aspecto, os menonitas residentes na Bolívia apresentam um comportamento semelhante aos brasileiros: recorrem ao SUS, mas em determinados casos buscam por especialistas particulares, e pagam pelo serviço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos 'brasiguaios' entre os limites nacionais**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2009.
- ARMSTRONG, Karen. **Campos de sangue: religião e a história da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. (1998). **A Guerra do Chaco**. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 41(1), 162-197.
- BENADIBA, L. y PLOTINSKY, D. **Historia Oral: construcción del archivo histórico escolar. Una herramienta para la enseñanza de las ciencias sociales**. Argentina: Ed. Noveduc. (2001).
- Brasil. **Lei 8080 de 19 de setembro de 1990**, [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm), e o Decreto 7508/11, de 28 de junho de 2011 que dispõe sobre a organização do SUS.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, Disponível em: <https://bit.ly/2wJsAQE>. Acesso em: 12 de jul. de 2019.
- BOLÍVIA. [Constitución (2009)]. **Constitución Política del Estado Plurinacional de Bolivia**. La Paz. Asamblea Constituyente de Bolivia, 2009. Disponível em: [https://www.oas.org/dil/esp/Constitucion\\_Bolivia.pdf](https://www.oas.org/dil/esp/Constitucion_Bolivia.pdf). Acesso em: 18 de abr. de 2021.
- COSTA, Edgar A. **Ordenamento Territorial em Áreas de Fronteira**. In: COSTA, Edgar Ap.; OLIVEIRA, Marco A. M. (orgs). **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: UFMS, 2009.
- COSTA, Edgar A. **Os bolivianos em Corumbá- MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 17 – 33, jan./jun. 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editor Ática, 2000.
- CINTRÓN, J. **Iglesias Baptistas**, portal web, 2015
- DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.
- FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero: um destino**. São Paulo: Três Estrela, 2012.
- FIGUEIREDO, Luiza Vieira Sá de. **Direitos Sociais e Políticas Públicas Transfronteiriças**. Curitiba: CRV, 2013.

FILARTIGAS, Danilo Magno Espindola. **Bolivianos no Brasil: migração internacional na fronteira Puerto Quijarro-Corumbá-MS e a atuação da Polícia Federal brasileira.** 2014.88f. Dissertação do Mestrado em Estudos Fronteiriços na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Corumbá, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 641 p.

HOOVER, Peter. **Feuertaufe für die Freiheit. Das radikale Leben der Täufer. Eine Provokation.** Berlin, 2006.

INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS. **Características de Población y Vivienda, Bolivia. Censo Nacional de Población y Vivienda,** 2012.

JUCOSKI, Tayana Schultz. **Levantamento de casos e aconselhamento genético de famílias com histórico de câncer na comunidade menonita de Witmarsum (PR):** Curitiba, 2016.

KOPP, Adalberto J. **Las colonias menonitas em Bolivia – Antecedentes, asentamientos y propuestas para um diálogo.** La Paz: Fundación TIERRA, 2015

LÖWEN SAHR, C. L.; HEIDRICH, A. L. **Translocalidades menonitas no contexto da América Latina e do Caribe: reflexões a partir do caso do Paraguai.** Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 20, n. 3, p. 536-550, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

MACHADO, Lia Osório. **Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade.** Rio de Janeiro: Revista Território, 2000.

MANCILLA, Suzana Vinicia Barreda. **Interculturalidades no contexto Puerto Quijarro (Bolívia)- Corumbá (Brasil). Português língua de fronteiras: ensino, aprendizagem e formação de professores.** 2017, 301 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARINI, Joice Ferreira de Melo. **Implantação e transferência da unidade de atendimento ao imigrante boliviano indocumentado junto ao núcleo de estudos de trabalho e cidadania de imigrantes em fronteira (MEF/UFMS) em parceria com o centro boliviano-brasileiro 30 de Marzo.** 2018.155f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Corumbá, 2018.

MENNONITISCHE GESCHICHTSVEREIN e.V, 2018

OROZCO, J. (2006). **El primer diccionario de Alemán Bajo Menonita en Español.** USA Ed. Lulu.com

PENNER, H. **Weltweite Bruderschaft. Ein mennonitisches Geschichtsbuch.** Karlsruhe: Schneider, 1955

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ROA, José Tomas. **Los Menonitas del Paraguay**. In: Ensayos de culturas paraguayas. Asunción. Instituto de Antropología "León Cadogan", 1997. p. 225-323

SAHR, W. D. Der Anker des Glaubens in entankerter Welt: Deutschsprachige Mennoniten zwischen Globalisierung und Nationalstaat. *Berichte zur Deutschen Landeskunde*, Flensburg, v. 78, n. 2, p. 231-249, 2004.

SAN JOSÉ DE CHIQUITOS, Gobierno Autónomo Municipal de. **Plan Territorial de Desarrollo Integral (PTDI)**, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001

SATTLER, Miguel. **A Confissão de Fé de Schleithem**. Em: Leith, John H; ed. *Creeds of the churches: a reader in christian doctrine from the Bible to the present*. Louisville: JohnKnox Press, 1982, 3 ed.

SCHARTNER, S., & Dürksen, S. **Bolivien, Zufluchtsort der konservativen Mennoniten (Bolivia, refugio de los menonitas conservadores)**. Santa Cruz, Bolivia: Comité Central Menonita, 2009

SILVEIRA, H. G. **A visão militar brasileira da Guerra do Chaco: projeção geopolítica e rivalidade internacional na América do Sul**. *Revista Antíteses*, 2(4), 649-667. 2009.

SIEMENS, Heinrich 2012 *Plautdietsch, Grammatik, Geschichte, Perspektiven*. Tweeback Verlag. Bonn

SIEMENS, Heinrich 2018 **Huächdietsch: eine hochdeutsche Varietät plautdietsche Mennoniten**. Bonn

STREICH, W. **La Guerra del Chaco y la presencia menonita. Reflexiones personales**. Asunción, Paraguay. 2010.

ZIMMERMANN, W. **Der grosse deutsche Bauernkrieg**. Berlin, RDA: Editorial Deb, 1997

## ENTREVISTA 1

*Entrevista com o agricultor J de 35 anos.*

Excluído de uma colônia menonita, nesta entrevista o entrevistado nº1 lança um olhar crítico de fora para dentro da comunidade com a qual conviveu durante 20 anos.

*- J, hoje o que você diria se alguém lhe perguntasse se você é boliviano ou menonitas?*

Sou boliviano, sou boliviano, porém nasci e me criei em uma colônia menonita, porque na realidade todos os menonitas são assim, só que não se dizem bolivianos; eles dizem que são menonitas. Eu vivi 20 anos da minha vida em uma colônia menonita. Só depois que eu cresci e que podia sair de lá para trabalhar foi que eu conheci o mundo fora da colônia.

*- Com quantos anos você começou a ver que a vida fora da colônia era diferente?*

Com 19 anos eu já fazia uns serviços com pessoas de fora, consertava uma “oruga” que estragava, arrumava um trator e assim eu fui saindo para trabalhar fora e com 20 anos eu decidi sair da colônia. Eu não gostava das “leis” da colônia. Com 19 anos eu comecei a fazer serviços fora e com 20 eu resolvi sair. Porque quando eu era criança eu não conhecia nada da vida aqui fora, meu mundo era a colônia.

*- Como é a sua relação com seus pais hoje? Como eles reagiram quando você saiu?*

Minha relação com meus pais hoje é bem tranquila. Eu vou fazer visitas a eles, na colônia sou bem recebido por eles, sempre ficam contentes com minhas visitas. Sempre levo meus filhos, a relação é bem tranquila. Sempre sou bem recebido nas colônias daqui. Vou comprar peças nos armazéns, visito a casa de um ou outro. Única coisa que eu não posso é voltar a morar lá, pegar um pedaço de terra deles e morar, isso eu não posso.

*- Você havia comentado, antes de começar a gravar, sobre a colônia de Chiuaua, que lá as regras são mais liberais e a colônia se desenvolve economicamente mais que outras que seguem regras mais tradicionais. Por que você acha que isso ocorre?*

Chiuaua é a colônia mais rica que existe na Bolívia. Olha, eu não tenho nem um familiar lá e isso não me permite ir viver lá. Já pensei em morar lá, na época eu tinha um primo lá, mas ele se mudou para outro país e isso me impossibilitou de viver lá. Eles têm muito mais tecnologias

lá que os ajuda a trabalhar a terra, a eletricidade ajuda muito na vida no campo. Eles usam aviões para pulverizar as plantações e para se locomover mais rápido para Santa Cruz, e alguns lotes tem até pista de pouso.

*- Na sua visão os menonitas de Chiuaua deixaram de ser menonitas?*

Não! Eles seguem sendo menonos, a mudança é só na questão da tecnologia, as leis continuam sendo as mesmas; até onde eu sei eles só podem casar entre eles. Mas eles podem usar automóvel, energia elétrica em seus lotes, isso ajuda muito eles. Já essas colônias aqui próximas são bem mais duras com suas leis e isso é muito ruim, eles ainda trabalham com cavalos e isso é muito mal, eles não podem ter um automóvel. Por exemplo: por um carro bom, de segunda mão, que aguenta trabalho pesado, você paga hoje uns 5 mil dólares, já um cavalo custa uns 2 mil dólares. Se compram 2 cavalos aí já são 4 mil, aí tem mais o buggy por 1,5 dólares, isso acaba saindo mais caro que comprar um carro. Eles ainda têm de comprar trator com rodas de ferro que gasta muito mais combustível. Além disso eles usam o trator para moer ração, ou seja, eles têm o dobro do gasto que poderia ser economizado caso eles tivessem o direito de usar energia elétrica. Agora, se você já tivesse um carro isso não aconteceria, era só colocar combustível e fazer a manutenção; e se ficasse muito velho você vende o carro, mas já com o cavalo não é assim.

*- Além do custo-benefício, você é contra o uso de animais como tração?*

Eu acho muito melhor você surrar um carro porque, se ele estraga, você vai lá e arruma, e com o animal é muita judiação. Você coloca o peso do buggy, que já tem quatro rodas pesadas, mais o condutor que vai com sua família ou com carga. É fazer sofrer o animal, que nem sabe o por que está apanhando. Afinal de contas de que é feito o carro? Se quebrar conserta, mas com um animal não é assim, eles têm suas limitações, tem coração, pulmão, assim como nós, por que então fazer esse animal sofrer? Pra mim, isso não tem lógica; será que Deus gosta de ver os animais sofrer? Poxa, se você tem 2 cavalos e uma carroça com esse valor poderia comprar uma caminhonete a diesel, você não iria precisar moer ração no inverno; é só colocar combustível e pronto você economiza muito dinheiro e faz tudo bem mais rápido.

*- Você já teve cavalos usados como tração em sua colônia?*

Quando eu tinha uns 7 ou 8 anos, lá na minha casa, meu pai tinha 2 cavalos, um novo e um velho, porém os 2 eram bons cavalos. Aí teve um dia que um touro atolou perto do açude e nós usamos os cavalos para tirar o touro de lá, só que meu pai forçou tanto o cavalo mais velho que

ele se cansou e começou a querer deitar. Sei lá o que se passou na cabeça do meu pai que ele deu um tiro na cabeça do cavalo. Agora eu te pergunto: que culpa o pobre do cavalo tinha, poxa, ele só estava cansado, o touro era pesado. Você não crê que se ele tivesse uma caminhonete isso não teria acontecido? Os animais cansam também, qual foi a necessidade de ele matar o pobre animal?

*- Você continua seguindo os ensinamentos da religião cristã menonita?*

Eu não sinto nenhuma pressão na questão de seguir a religião dos meus pais ou a que eu me criei, eu creio somente em Deus, eu confio nele e sei que ele nunca vai me abandonar. Eu não sinto a necessidade de frequentar uma igreja.

*- Hoje você educa seus filhos com base em alguma religião? Ou com base nos costumes que você tinha na colônia?*

Eu ensino a elas que elas não podem fazer maldade, que devem respeitar os mais velhos, ser pessoas honestas. Eu ensino isso para minhas filhas.

*- Você guarda alguma mágoa dos ministros da sua antiga colônia por sua exclusão? Ou foi você que escolheu sair da colônia?*

Não, eu escolhi sair. Eu sai por minha própria vontade. Eles chegaram a vir atrás de mim, alugaram carro pra me procurar, eu me escondi no mato. Antigamente carro pequeno não entreva por esse caminho, que era muito feio; aí eles tiveram de voltar pra trás. No outro dia o carro deles ficou atolado na areia e eles não passaram. Mas eu acabei voltando na primeira vez que tentei fugir. Voltei pelos meus pais, minha mãe ficou mal.

*- Você se sentia pressionado lá dentro da colônia? Não se sentia livre?*

Não me sentia pressionado. É que eu não gostava da vida na colônia. Quando eu tinha meus 15 ou 16 anos eu já falava para meus pais que eu não queria casar na colônia, que eu tinha vontade de conhecer o mundo aqui fora, por isso não iria me casar, queria sair sozinho sem ter compromisso com outra pessoa.

*- Você não se sente arrependido por ter abandonado a colônia?*

Não, estou tranquilo onde estou, graças a Deus eu me sinto bem fora de lá, aqui fora nunca me faltou um prato de comida, eu estou tranquilo.

*- Fora da colônia, você se sente discriminado pelos demais cidadãos bolivianos? Ou você nunca notou um tratamento diferente pelo fato de você ter sido criado em uma colônia menonita?*

Todos sempre me trataram igual, eu pelo menos nunca me senti discriminado. Em todo canto onde eu vou aqui na Bolívia sempre sou bem tratado. Até mesmo fora da Bolívia, quando eu fui trabalhar na África ninguém me tratou de forma diferente.

*Como foi a sua experiência na África?*

Olha, pra mim foi uma experiência muito chocante. Você vê a pobreza aqui na Bolívia se você vai nesses povoados pequenos; você vê pessoas pobres, mas que têm alguma coisa pra comer. Geralmente eles recebem alguma ajuda das igrejas, do governo, que dão um auxílio para eles. Na África não. Lá havia muita gente pedindo comida pra nós trabalhadores, crianças magrinhas que você via até os ossos da costela. No começo me dava até vontade de chorar. A Camargo Correa (construtora) dizia que não podíamos dar nossa comida para nenhum deles porque podia fazer eles passarem mal. Nossa, eu ficava muito triste, triste mesmo. Na primeira vez que tirei férias que voltei para cá na Bolívia eu pensei em não voltar mais, eu via minha filha e lembrava das crianças, mas eu precisava de dinheiro e voltei de novo pra Guiné. Aos poucos me acostumei àquela realidade, mas até hoje eu fico triste quando lembro de lá, eu penso como pode existir tanta maldade nesse mundo, né. Eu achava que era maldade da empresa em não ajudar eles, mas só depois eu entendi que eles passavam dias sem comer e nossa comida, quando estávamos na obra, era com muito conservante, isso fazia mal até pra nós mesmos, imagina pra eles, o que poderia fazer no estômago deles.

*- Você acredita que as colônias tradicionais, com regras mais conservadoras, se fossem um pouco mais abertas à tecnologia não seriam mais desenvolvidas?*

Olha, para eu te falar a verdade eu não conheci as leis, nunca as vi escritas em nenhum lugar, a maioria dos menonitas nem sabem direito essas leis, e além disso é proibido ter celular, mas sempre tem um que tem escondido em casa pra chamar táxi. Como você acha que os taxistas sabem a hora que o menonita vai sair de casa pra fazer comprar fora ou ir no médico? Eles têm celular, porém escondido. Agora que eles estão indo lá pra Corumbá, por causa do câmbio, eles compram celular, rádio e até televisão. Eu já vi conversor de 12v para 220 indo para as colônias. Eles têm só que ninguém sabe. Eles vão comprar crédito lá na minha mercearia, pra quem você acha que é esse crédito? É pra eles mesmos, só que é tudo escondido.

*- Por que você acha que eles vão para Corumbá?*

Ah, é pelo câmbio e pela atenção que recebem na saúde, certeza. Conheço muitos que foram pra lá levar os filhos e as esposas para fazer tratamento, é muito melhor a atenção que em Santa Cruz. Você vai em Santa Cruz e os médicos nem olham na sua cara, e cobram muito caro, eles lá acham que os menonitas são milionários. E além disso eles pedem exames que são muito caros, receitam medicamentos mais caros. Não é todo menono que tem condições, né. O Isac mesmo, que já trabalhou aqui com a gente, não tem condições de pagar um tratamento em Santa Cruz, para ele seria mais fácil ir para Corumbá, se for algo urgente, porque eles podem atender urgência, né. Eu mesmo já fui em Corumbá com minha família. fui ver umas peças para minha “oruga”, conheci o rio, passei de barco. Riquíssimo é o churrasco lá, eu fui em um restaurante e comi à vontade. Os menonos gostam disso, de ser bem servidos, qualquer um gosta de ser bem atendido, é por isso que eles vão pro Brasil, e agora com o câmbio baixo é mais fácil, né.

*- Os menonitas já estão indo à capital Campo Grande em busca de tratamento de câncer?*

Sim, eles vão pra lá porque em Santa Cruz até tem (tratamento) mas só que é muito caro. Lá em Campo Grande não sei o que eles fazem que o tratamento sai de graça e eles voltam curados de lá. Eles têm muitos problemas de câncer de pele, de vista, todos trabalham muito tempo debaixo do sol, não usam protetor solar, aí ficam doentes.

*- Quando você morou na colônia, você sabia se algum tipo de cirurgia era proibido ou até mesmo transfusão de sangue?*

Não, não é proibido não. Só que você tem que ter dinheiro né, isso aqui na Bolívia custa muito dinheiro. Não era qualquer um que podia levar a esposa pra fazer cesariana fora da colônia, isso é caro. Além disso você tem que buscar uma pessoa que fale espanhol, lá dentro são poucos os que sabem falar espanhol, em geral são os que saem para trabalhar fora, só que só sabem falar, não sabem escrever. E eles cobram né, cobram diária. Aí você tem que pagar passagem. comida e a diária, por isso que sai caro você fazer tratamento fora da colônia. Há uns 2 anos atrás eu ajudei a minha irmã que estava mal; nem ela nem o marido falam espanhol. Ela quebrou o braço e tivemos que ir para San José.

*- Qual o tipo de distração comum nas colônias já que não há energia elétrica, radio ou televisão?*

Geralmente eles bebem quando não estão trabalhando, aí à noite sentam para conversar, colocam suas lâmpadas a gás e conversam. Aí um visita o outro e assim eles fazem para se

distrair. Mas isso vai variar de colônia pra colônia. Lá na colônia Berlin eles usam motor de gerador para puxar água do poço, fazem isso à noite e a água sai gelada, e eles ligam uma lâmpada em cada casa por pouco tempo, só que lá eles não podem usar lanterna a pilha. Já em Nova Esperança pode usar lanterna a pilha, só que não pode usar motor gerador de energia, aí eles fazem umas gambiarras lá e usam só motor mecânico. Só que os tratores não podem ter luz, ou seja, não tem farol, eles não andam a noite. Já em Taperita os tratores podem usar rodas de borracha e luz, só que ninguém pode ter gerador de energia elétrica, nem usar lanterna. Você entende que essas leis às vezes não tem lógica.

*- Por que eles não ensinam o espanhol para as crianças?*

Eles não ensinam porque têm medo de saírem da colônia. Quanto mais rápido eles aprenderem, mais rápido eles vão começar a conversar com pessoas não menonitas e vão ver como é diferente e muito melhor estar aqui fora do que lá dentro.

*- Mas, apesar da proibição, as crianças aprendem ouvindo adultos falarem, certo?*

As crianças que têm pais que sabem falar espanhol também acabam aprendendo e vão falando escondido entre eles na escola, foi assim que eu aprendi um pouco. Eu acho que as crianças deveriam saber falar espanhol na escola, porque, afinal, nós vivemos em que país? Bolívia, né. Qual é o idioma daqui? É o espanhol, né. Então por que não ensinar, digamos que um boliviano chegue na casa do Isac e ele não esteja em casa, às vezes ele tá trabalhando fora, nem as mulheres sabem falar, elas meio que são proibidas de falar espanhol. Não entendo essa lógica deles, podem perder uma oportunidade de trabalho só porque ninguém além dele (Isac) sabe falar espanhol.

*- Seus filhos sabem falar o dialeto plautdietsch?*

Já ensinei um pouco para minha filha mais velha a outra ainda é bebê e nem sabe falar direito, mas eu ensino sim, principalmente quando eles vão visitar meus pais; eles têm de saber cumprimentar, com respeito, até porque meus pais não sabem espanhol, só meu pai que sabe muito pouco. Já minha esposa não faz nem questão de aprender (o dialeto).

*- Vejo que você compreende um pouco o português. Onde você aprendeu?*

Foi com a Camargo Correa (construtora), quando trabalhei na África. Os engenheiros eram brasileiros e nós nos entendíamos de um jeito ou de outro.

*- Hoje você sabe escrever em espanhol ou só falar?*

Olha, eu sei escrever todas as letras, mas nem em plautdietsch eu sei ler direito, na escola só aprendemos o básico, só letras góticas para ler a bíblia sagrada, só isso. Eu não sou muito bom em leitura. Se você disser para eu escrever, aí sim que não sei nada, não sei escrever quase nada, só meu nome mesmo, os nomes dos meus pais, dos meus filhos, só isso que eu sei escrever. Na escola só estudamos para aprender a ler e escrever e um pouco de matemática, e até os 12 anos. Com o tempo nós vamos esquecendo porque não praticamos, e com o tempo isso vai sumindo da nossa cabeça. Pior são as meninas que só estudam até os 11, depois elas vão aprender as coisas da casa com as mães. É isso a vida dos menonitas, espero que eu tenha ajudado com a sua pesquisa.

## ENTREVISTA 2

*Entrevista no armazém da colônia Sabinal I e II em San José de Chiquitos.*

- *¿Que es estos almacenes?*

Son nostras tiendas que ofrecen alimentos, telas y recambios para maquinaria. Lo justo para no tener que ir a la ciudad. "Vendemos el queso a los bolivianos. Ellos entran con camiones para llevárselo a San Jose y a Santa Cruz", diz o agricultor J. "Tienen que venir a la colonia con frecuencia, ya que, al estar hecho con leche fresco, el queso no dura mucho. Nos gustaría montar una pasteurizadora, pero tampoco nos dejan los ministros".

**Figura 05:** Area externa do armazém.



**Fonte:** Autor 2020

- *El caso da queisería (queijaria) de J.*

J. I dirigía una de las tres mayores queiserías de esta colonia. Su padre, el dueño del negocio, estaba planeando instalar una maquinaria nueva para producir *mozzarella*. El proyecto se vio frustrado. "Los ministros vinieron diciendo que sería malo para la religión", explica J, de 32

años. "Son muy cerrados. Los ministros piensan que todo lo nuevo es malo, y no dejan libertad a la gente. Mi padre tuvo que abandonar sus intenciones. Si no, lo hubieran expulsado. El progreso es un monstruo a ojos de los viejos".

- *¿No se cansa de esta falta de libertad?*

- ¡Claro! He pensado en marcharme a una colonia más permisiva, pero es complicado. Tendría que buscar una casa allí, un trabajo... Además, mis padres y hermanos están aquí. Reconozco que todas estas normas ponen freno a nuestro trabajo. ¿Ha visto los tractores de la colonia?; Está prohibido poner neumáticos de goma (pneus)! Tenemos ruedas de hierro (ferro) que sólo aplastan la tierra y consumen mucho más gasóleo.

- *¿Por qué tractores do ruedas de hierro?*

"Lo de las ruedas de hierro en los tractores tiene un motivo", argumenta J. W., obispo menonita de la colonia de Nueva Esperanza (al este de Santa Cruz). "Con la llanta de fierro no se puede correr. Sólo sirve para trabajar. Si ponemos goma los jóvenes correrán. Ya pasa en otras colonias donde está permitido. Además, pueden ir a la ciudad. Y nosotros no queremos poner facilidades para que eso ocurra".

**Figura 06:** Trator com rodas de metal.



**Fonte:** Autor 2020

- *Podrían ir a la ciudad en el buggy...*

El *buggy* no alcanza. La ciudad está demasiado lejos y el caballo se cansa.

**Figura 07:** Buggy vehículo usado pelos menonitas para transporte de pessoas e mercadorias.



**Fonte:** Autor 2020

- *¿Hay una autoridad en la colonia?*

“El obispo constituye aquí la máxima autoridad”, diz o agricultor menonita I. Hay uno por cada colonia, con ministros repartidos por los diferentes campos. Su función es cuidar de que los menonitas vayan "por el camino angosto" (estrada estreita, como diz o Sermão da Montanha). Sus cargos son vitalicios. Son elegidos tras muchos días de oración, esperando a que el Espíritu Santo ilumine la decisión. Sólo son elegibles los hombres bautizados, casados y con hijos que hayan demostrado cualidades especiales como padres. Aseguran no recibir remuneración alguna”.

- *Seguem principios rigurosos...*

"Nuestra religión es así. Queremos ser atrasados para no ser orgullosos. Sólo gastamos electricidad de generador para trabajar", explica o obispo J. W., de 60 años. "La música también está prohibida", proclama P. G., uno de los ministros de la colonia Sabinal. "Aturde (atordo) el espíritu, lo mismo que el alcohol. Es más peligroso en los jóvenes, que sienten curiosidad por todo. A veces hemos tenido problemas con drogas. Eso es mucho más grave".

- *¿Por qué vinieran de Paraguay?*

"Nos trasladamos a Bolivia para criar a nuestros hijos porque aquí todavía todo está muy pobre y atrasado. Es mejor así", conta I., de 46 años. I. y S., de 41, tienen 12 hijos: ocho chicos y cuatro chicas. No forman una familia especialmente numerosa entre los menonitas, donde existen matrimonios con hasta 20 hijos. Su casa es amplia, pero austera. Hay pocos muebles y son muy sencillos (simples). A la hora de la cena se reúnen todos en torno a una gran mesa levemente iluminada por farolillos de queroseno. Antes de comer se bendice la mesa en silencio, con la cabeza gacha y las manos juntas sobre el regazo. La relación con Dios es siempre íntima. Los niños se irán después a dormir los primeros.

*- El profesor F. e la educación sin universidad*

El profesor F. P., de 42 años, diz que llega en su *buggy*. Abre las puertas para que entren los alumnos. Ellos, por una puerta, y ellas, por otra. Todos en pie, entonan una serie de cantos religiosos en lengua *plautdietsch*. F. explica lo que dicen los niños de su clase esta mañana. Uno ha preguntado: "¿Cómo es la cosa cuando un hombre tiene dos mujeres?". Todos contestan: "Esto está mal porque Dios quiere que cada hombre tenga una sola mujer". F. asegura que cuando sean mayores, estos niños no irán a la universidad. Su aprendizaje se centrará en el estudio de la Biblia y aritmética básica. "Los menonitas estudiamos lo justito para hacer la vida en la granja (fazenda). Si los jóvenes saben mucho, igual quieren marcharse (retirar-se)".

### ENTREVISTA 3

**Figura 08:** Hospital de Câncer Alfredo Abrão fica no centro de Campo Grande-MS



**Fonte:** Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso do Sul

*Menonitas mantêm, em Campo Grande, uma casa de apoio para pacientes procedentes das colônias da Bolívia se alojarem enquanto fazem tratamento de câncer pelo SUS no Hospital de Câncer Alfredo Abrão. Nesta entrevista, H e a esposa contam detalhes sobre o funcionamento:*

*- Como surgiu a casa de apoio em Campo Grande?*

Os menonitas de Manitoba (Colônia de Monitoba, situada na cidade de Pailón, a 52 km de Santa Cruz de la Sierra) alugaram uma casa perto do hospital (Hospital de Câncer Alfredo Abrão) e é aí onde nós ficamos. Lá só ficam menonitas. Claro que lá nós ajudamos a cozinhar e pagamos uma pequena ajuda para manter a casa. Pra ajudar no aluguel. água e luz né. Não sai muito caro.

*- Quem administra a casa?*

Olha, quem fica responsável por ela é o Petter, que é de Manitoba. Creio que a Colônia Manitoba deve ajudar a manter a casa, só que todos que a utilizam ajudam, eu sei que lá é alugado. As vezes chegaram a ficar lá até 40 pessoas, algumas que faziam tratamento de quimioterapia ficavam um bom tempo lá. Quando o Petter sai e faz uma compra, o valor dessa compra é dividido entre todos que estão lá. E dessa compra fazem café da manhã, almoço e janta, não precisamos comprar comida fora. E aí ainda ajudávamos com 50 reais diários para duas pessoas.

*- Todos se ajudam, então, inclusive com documentação?*

Sim, deixei toda a documentação lá com o P. H., ele que dirige essa parte. Eu não entendo quase nada do português, era Pedro quem me ajudava com a consulta, com o médico e para buscar medicamento, ele me ajudava muito quase como se eu fosse o filho dele, ele me atendeu lá muito bem.

*O senhor ficou satisfeito com o atendimento que recebeu no Brasil?*

Sim, lá é bem mais seguro que aqui na Bolívia. Lá os médicos não cobram nada de você, eles sabem te examinar, olham na sua cara para falar a verdade. Eu não paguei um peso (boliviano) para fazer as seções de radioterapia. Já em Santa Cruz eles cobravam 5 mil bolivianos (pela taxa cambial, 3.400 reais) por seção. Eu não tenho todo esse dinheiro. Lá em Santa Cruz eles veem nós, menonitas, com cara de ricos, parece que querem cobrar sempre mais de nós. Já no Brasil não paguei nada e fiz as vinte seções de radioterapia.

*- Quem recomendou o tratamento no Brasil?*

O senhor H W, que mora lá na segunda linha, me indicou. A esposa dele estava com câncer e fez o tratamento lá no Brasil. Aí eles já estavam no final do tratamento e eu havia recém descoberto esse meu câncer. H me disse que eu poderia acompanhá-los lá em Campo Grande. Só que eu não sabia que demorava muito. Meu tratamento durou mais de um ano e foram quatorze idas e vindas até o fim.

*- Todo o tratamento foi pelo SUS?*

Sim, todo o tratamento lá foi pelo SUS, menos alguns exames que demoravam muito pelo SUS aí eu fazia a parte. Única coisa que eu gastava era o transporte e a ajuda lá na casa (de apoio) de Manitoba. Isso foi entre 2017 e 2018.

*- Então, o senhor achou mais seguro buscar tratamento no Brasil?*

Sim, a primeira vez eu fui até Sucre (a 483 km de Santa Cruz de la Sierra) logo que essa mancha saiu aqui. Eu não sabia o que era. Foi lá eles me passaram um remédio, só que (a mancha) não diminuiu e eu fui deixando. Um tempo depois eu voltei lá, só que dessa vez eles fizeram uma cirurgia a laser, só que aí saiu outra (mancha) ao lado.

*- Aproveitou a ida a Campo Grande para fazer compras?*

Sim, os produtos são muito bons e baratos. Eu trouxe remédios para meu gado, trouxe sapatos para meus netos e filhos, comprei roupas. O único problema era para poder passar (os produtos) pra cá na Bolívia, uma vez os policiais perto de El Carmen queriam tirar alguns produtos meus que havia comprado. Se fosse mais fácil comprar e trazer esses produtos eu iria umas duas vezes por ano comprar produtos lá, principalmente medicamento e vitaminas para o gado.

*- Então, o senhor viu vantagens no atendimento no Brasil?*

Olha, não tem nada de queixa nem do atendimento médico, nem traslado até Campo Grande. Só que a passagem é um pouco cara né, no mais é só isso. Me arrependo de não ter descoberto Campo Grande quando meu filho teve um problema no olho esquerdo e nós buscamos atendimento para ele aqui na Bolívia e eles acabaram fazendo uma cirurgia totalmente errada e meu filho perdeu um olho. Na época levamos ele até Cochabamba, gastamos 2 mil dólares e ele acabou ficando cego de um olho. Quando comecei a ir até o Brasil, levei ele, só que já não havia como reverter o erro, fico muito triste por causa disso.

*- Quem administra a casa de apoio em Campo Grande?*

Olha, quem fica responsável por ela é o Petter, que é Manitoba. Creio que a Colônia Manitoba deve ajudar a manter a casa só, que todos que a utilizam ajudam, eu sei que lá é alugado. As vezes chegaram a ficar lá até 40 pessoas, algumas que faziam tratamento de quimioterapia ficavam um bom tempo lá. Quando o Petter sai e faz uma compra, o valor dessa compra é dividido entre todos que estão lá. E dessa compra fazem café da manhã, almoço e janta, não precisamos comprar comida fora. E aí ainda ajudávamos com 50 reais diários para duas pessoas.

#### ENTREVISTA 4

*Os menonitas se comunicam habitualmente por meio de redes de informações, que se propagam entre as colônias. Assim I foi recomendado a levar a esposa para tratamento de câncer em Campo Grande:*

*- Alguém indicou o tratamento médico no Brasil?*

Vocês conhecem P. lá de Manitoba (colônia próxima a Santa Cruz)? Foi através dele que ficamos sabendo dos médicos em Campo Grande. Tenho um ajudante que trabalha aqui comigo que conhece ele.

*- Por que não em Santa Cruz de la Sierra?*

Lá em Santa Cruz quase não tem tratamento para o câncer. Eu fui em Santa Cruz no início do tratamento da minha esposa, só que lá eles não estavam curando a perna dela, aí em seguida disseram que era câncer o que ela tinha. Aí esse ajudante me disse que em Campo Grande existe uma casa que ajuda os menonitas.

*- Onde o senhor se hospedou em Campo Grande?*

Lá tem uma casa que hospeda só menonitas. Fica próxima ao hospital. Quem administra a casa é o P., lá de Manitoba (colônia). É lá que ficamos todas as vezes que precisamos ir em Campo Grande.

**ANEXOS****ANEXO 1 – Decreto Supremo N° 06030**

---

**DECRETO SUPREMO N° 06030**  
**VÍCTOR PAZ ESTENSSORO**  
**PRESIDENTE CONSTITUCIONAL DE LA REPÚBLICA**

**CONSIDERANDO:**

Que constituye una de las metas del Plan de Desarrollo Económico y Social, aprobado por el Gobierno de la Revolución Nacional, el poblamiento de las zonas agrícolas del país susceptibles de desarrollo, a objeto de incrementar la producción del sector agropecuario, para lo cual es preciso fomentar la inmigración de grupos familiares que se dediquen al trabajo de la tierra;

Que existiendo familias de menonitas que desean establecerse en el país para dedicarse a la agricultura, cabe dictar disposiciones que favorezcan esa corriente inmigratoria garantizando sus usos y costumbres peculiares.

En Consejo de Ministros y con autorización de la Honorable Comisión Legislativa,

**DECRETA:**

**ARTÍCULO 1.-** Las colectividades menonitas que se establezcan en cualquier zona del país para dedicarse a labores de carácter agrícola, gozarán de amplias garantías por parte del Estado, siendo beneficiarias de los siguientes derechos:

- a. De conformidad con el artículo 203 del Procedimiento Civil, los miembros de la colectividad menonitas podrán hacer afirmaciones por simple “sí” o “no” ante la justicia o tribunales, en vez de prestar el juramento;
- b. Serán eximidos ellos y sus descendientes del servicio militar obligatorio en tiempo de paz o de guerra;
- c. Podrán administrar para su propia comunidad, el seguro mútuo contra incendios y tormentas, de acuerdo a sus propias normas;
- d. Podrán administrar dentro de su colectividad los bienes de sucesión y los pertenecientes a sus viudas y huérfanos por el sistema especial llamado “Waisenamt”.
- e. Podrán fundar, administrar y sostener iglesias y escuelas propias para el culto de su religión y la enseñanza de su idioma, dotar de profesores para el aprendizaje del castellano.

- f. Los pobladores menonitas gozarán durante todo el período de su instalación y organización en el país, de franquicias aduaneras para la internación de máquinas, utensilios, semillas, animales, implementos para el desarrollo de sus industrias, drogas, muebles y artículos de uso personal debiendo en cada caso solicitar autorización del Ministerio de Hacienda. Asimismo, quedarán exentos de todo pago por concepto de visas.

**ARTÍCULO 2.-** Los inmigrantes menonitas establecidos o que se establecieron en el país, gozarán igualmente de la facultad de traer a sus padres y familia, aún cuando éstos no se encuentren en edad o condiciones de trabajo, corriendo su sostenimiento por cuenta de la colonia.

**ARTÍCULO 3.-** El Gobierno prestará el apoyo y las facilidades que sean necesarias para su ingreso al territorio nacional y su radicación a todos los inmigrantes menonitas que demuestren su calidad de tales mediante la presentación de su certificado de bautizo y que manifiesten su deseo de trabajar en el país.

**ARTÍCULO 4.-** Los privilegios y derechos otorgados por el presente Decreto con fuerza de Ley, serán extensivos a los individuos de la misma colectividad menonita que lleguen al país aisladamente siempre que comprueben su condición de menonita con arreglo a lo dispuesto por el Art. 3.

Los señores Ministros de Estado en los Despachos de Gobierno, Justicia e Inmigración, Hacienda y Estadística y Agricultura, quedan encargados de la ejecución y cumplimiento del presente Decreto.

Es dado en el Palacio de Gobierno de la ciudad de La Paz, a los dieciseis días del mes de marzo de mil novecientos sesenta y dos años.

**FDO. VÍCTOR PAZ ESTENSSORO**, José Fellman V, José Antonio Arze, A. Cuadros Sánchez, J. L. Gutiérrez Granier, A. Gumucio Reyes, Fernando Ayala R., Simón Cuentas, Guillermo Jáuregui, R. Jordán Pando, R. Pérez Alcalá, A. Franco Guachalla, Jaime Otero Calderón.

## **SUSCRIPCION OBLIGATORIA**

### **DECRETO SUPREMO N° 690**

**03 DE NOVIEMBRE DE 2010 .-** Dispone la suscripción obligatoria, sin excepción alguna, de todas las entidades del sector público que conforman la estructura organizativa del Organismo Ejecutivo, así como de entidades y empresas públicas que se encuentran bajo su dependencia o tuición, a la Gaceta Oficial de Bolivia, dependiente del Ministerio de la Presidencia, para la obtención física de Leyes, Decretos y Resoluciones Supremas.

## **TEXTO DE CONSULTA**

Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia .Derechos Reservados ©  
2021. [www.gacetaoficialdebolivia.gob.bo](http://www.gacetaoficialdebolivia.gob.bo)

## ANEXO II

## ANEXO III

**SOLICITUD DE AUTORIZACIÓN PARA LA REALIZACIÓN DE  
INVESTIGACIÓN EN LA CIUDAD DE SAN JOSÉ DE CHIQUITOS.**

## 1. Investigador

<b>Nombre y apellidos:</b> Luiz Fernando Rodrigues Licetti
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS /CPAN
<b>Teléfono de contacto:</b> 556759181313650
<b>Correo electrónico:</b> luizlicetti@hotmail.com
<b>Nacionalidad:</b> Brasileiro
<b>CPF:</b> 030.550.411.-86
<b>RG:</b> 001654159 – SSP-MS

## 2. Título del estudio:

La presencia Menonita en la frontera Bolivia-Brasil

Señor Cónsul,

Mediante el presente me dirijo a Ud., para solicitar mi entrada a la ciudad de San José- Bolivia para realizar una investigación de maestría con el tema **“La presencia menonita en la frontera Bolivia- Brasil”**. Tengo marcada una entrevista con algunos menonitas que se encuentran en la colonia “Nueva Esperanza” a 45 km de la ciudad de San José de Chiquitos. A principio, la entrevista estaba marcada para comienzo de abril y por causa de la pandemia estuve imposibilitado de entrar a Bolivia por el cierre de las fronteras. Como parte de la metodología de investigación, necesito hacer esas entrevistas lo más breve posible.

Envío anexo mi resultado contra el Covid-19, comprobación de matrícula en el “Mestrado en Estudos Fronteriros” y mi proyecto de investigación.

Fecha: 01/10/2020

Firma:



Termos de autorização para publicação das entrevistas.



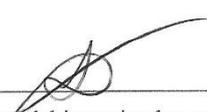
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRICOS



TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO - TCLE BASADO EN LAS ORIENTACIONES CONTENIDAS EN LA RESOLUCIÓN NO 466/2012 DE LA CNS, MS.

Estimado(a) Señor (a),

Esta investigación trata sobre la presencia menonita en la frontera Bolivia-Brasil y está siendo desarrollada por **Luiz Fernando Rodrigues Licetti**, del Curso de Posgrado del Máster en Estudios Fronterizos de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, bajo la dirección del Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert. Los objetivos del estudio son estudiar las migraciones de menonitas dentro de la esfera fronteriza Bolivia-Brasil, en particular la ciudad de Corumbá y su tránsito dentro del municipio. El propósito de este trabajo es contribuir a una mejor atención a ustedes. Solicitamos su colaboración para la entrevista y su duración media, así como su autorización para presentar los resultados de este estudio en eventos de salud y publicar en una revista científica nacional y/o internacional. Con motivo de la publicación de los resultados, su nombre se mantendrá en absoluto secreto. Aclaramos que su participación en el estudio es voluntaria y, por lo tanto, no está obligado a proporcionar la información y/o colaborar con las actividades solicitadas por el Investigador. Si decide no participar en el estudio, o decide en cualquier momento renunciar al estudio, no sufrirá ningún daño. El investigador estará a su disposición para cualquier aclaración que consideren necesaria en cualquier etapa de la investigación.

  
Firmá del investigador responsable

Teniendo en cuenta, que fui informado de los objetivos y la pertinencia del estudio propuesto, cómo será mi participación en la investigación, declaro mi consentimiento para participar en la investigación, ya que también estoy de acuerdo en que los datos obtenidos en la investigación se utilizan con fines científicos (difusión en eventos y publicaciones). Soy consciente de que recibiré una vía de este documento.

Colonia Sabinhal, 12 de 10 de 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



*Heinrich Martens*

Firma del participante

**Contacto con el investigador responsable:** +55 67 99847-9793/ +5567 981313650 /  
71666109

**Correo electrónico:** [luizlicetti@hotmail.com](mailto:luizlicetti@hotmail.com)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
 CAMPUS DO PANTANAL  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO - TCLE BASADO EN LAS ORIENTACIONES CONTENIDAS EN LA RESOLUCIÓN NO 466/2012 DE LA CNS, MS.

Estimado(a) Señor (a),

Esta investigación trata sobre la presencia menonita en la frontera Bolivia-Brasil y está siendo desarrollada por **Luiz Fernando Rodrigues Licetti**, del Curso de Posgrado del Máster en Estudios Fronterizos de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, bajo la dirección del Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert. Los objetivos del estudio son estudiar las migraciones de menonitas dentro de la esfera fronteriza Bolivia-Brasil, en particular la ciudad de Corumbá y su tránsito dentro del municipio. El propósito de este trabajo es contribuir a una mejor atención a ustedes. Solicitamos su colaboración para la entrevista y su duración media, así como su autorización para presentar los resultados de este estudio en eventos de salud y publicar en una revista científica nacional y/o internacional. Con motivo de la publicación de los resultados, su nombre se mantendrá en absoluto secreto. Aclaramos que su participación en el estudio es voluntaria y, por lo tanto, no está obligado a proporcionar la información y/o colaborar con las actividades solicitadas por el Investigador. Si decide no participar en el estudio, o decide en cualquier momento renunciar al estudio, no sufrirá ningún daño. El investigador estará a su disposición para cualquier aclaración que consideren necesaria en cualquier etapa de la investigación.

Firma del investigador responsable

Teniendo en cuenta, que fui informado de los objetivos y la pertinencia del estudio propuesto, cómo será mi participación en la investigación, declaro mi consentimiento para participar en la investigación, ya que también estoy de acuerdo en que los datos obtenidos en la investigación se utilizan con fines científicos (difusión en eventos y publicaciones). Soy consciente de que recibiré una vía de este documento.

Colonia Sabinhal, 12 de octubre de 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Mestrado em Estudos Fronteiriços



*Jacob Wiehr*                      *Anna Kleefeld*

Firma del participante

Contacto con el investigador responsable: +55 67 99847-9793/ +5567 981313650 /  
71666109

Correo electrónico: [luizlicetti@hotmail.com](mailto:luizlicetti@hotmail.com)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO - TCLE BASADO EN LAS ORIENTACIONES CONTENIDAS EN LA RESOLUCIÓN NO 466/2012 DE LA CNS, MS.

Estimado(a) Señor (a),

Esta investigación trata sobre la presencia menonita en la frontera Bolivia-Brasil y está siendo desarrollada por **Luiz Fernando Rodrigues Licetti**, del Curso de Posgrado del Máster en Estudios Fronterizos de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, bajo la dirección del Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert. Los objetivos del estudio son estudiar las migraciones de menonitas dentro de la esfera fronteriza Bolivia-Brasil, en particular la ciudad de Corumbá y su tránsito dentro del municipio. El propósito de este trabajo es contribuir a una mejor atención a ustedes. Solicitamos su colaboración para la entrevista y su duración media, así como su autorización para presentar los resultados de este estudio en eventos de salud y publicar en una revista científica nacional y/o internacional. Con motivo de la publicación de los resultados, su nombre se mantendrá en absoluto secreto. Aclaramos que su participación en el estudio es voluntaria y, por lo tanto, no está obligado a proporcionar la información y/o colaborar con las actividades solicitadas por el Investigador. Si decide no participar en el estudio, o decide en cualquier momento renunciar al estudio, no sufrirá ningún daño. El investigador estará a su disposición para cualquier aclaración que consideren necesaria en cualquier etapa de la investigación.

Firma del investigador responsable

Teniendo en cuenta, que fui informado de los objetivos y la pertinencia del estudio propuesto, cómo será mi participación en la investigación, declaro mi consentimiento para participar en la investigación, ya que también estoy de acuerdo en que los datos obtenidos en la investigación se utilizan con fines científicos (difusión en eventos y publicaciones). Soy consciente de que recibiré una vía de este documento.

Idônia Sabinal, 02 de Novembro de 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



*Notável*

Firma del participante

**Contacto con el investigador responsable:** +55 67 99847-9793/ +5567 981313650 /  
71666109

**Correo electrónico:** [luizlicetti@hotmail.com](mailto:luizlicetti@hotmail.com)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO - TCLE BASADO EN LAS ORIENTACIONES CONTENIDAS EN LA RESOLUCIÓN NO 466/2012 DE LA CNS, MS.

Estimado(a) Señor (a),

Esta investigación trata sobre la presencia menonita en la frontera Bolivia-Brasil y está siendo desarrollada por **Luiz Fernando Rodrigues Licetti**, del Curso de Posgrado del Máster en Estudios Fronterizos de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, bajo la dirección del Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert. Los objetivos del estudio son estudiar las migraciones de menonitas dentro de la esfera fronteriza Bolivia-Brasil, en particular la ciudad de Corumbá y su tránsito dentro del municipio. El propósito de este trabajo es contribuir a una mejor atención a ustedes. Solicitamos su colaboración para la entrevista y su duración media, así como su autorización para presentar los resultados de este estudio en eventos de salud y publicar en una revista científica nacional y/o internacional. Con motivo de la publicación de los resultados, su nombre se mantendrá en absoluto secreto. Aclaramos que su participación en el estudio es voluntaria y, por lo tanto, no está obligado a proporcionar la información y/o colaborar con las actividades solicitadas por el Investigador. Si decide no participar en el estudio, o decide en cualquier momento renunciar al estudio, no sufrirá ningún daño. El investigador estará a su disposición para cualquier aclaración que consideren necesaria en cualquier etapa de la investigación.

Firma del investigador responsable

Teniendo en cuenta, que fui informado de los objetivos y la pertinencia del estudio propuesto, cómo será mi participación en la investigación, declaro mi consentimiento para participar en la investigación, ya que también estoy de acuerdo en que los datos obtenidos en la investigación se utilizan con fines científicos (difusión en eventos y publicaciones). Soy consciente de que recibiré una vía de este documento.

San Juan, 25 de octubre de 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



*Luiz N.*

Firma del participante

**Contacto con el investigador responsable:** +55 67 99847-9793/ +5567 981313650 /  
71666109

**Correo electrónico:** [luizlicetti@hotmail.com](mailto:luizlicetti@hotmail.com)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO - TCLE BASADO EN LAS ORIENTACIONES CONTENIDAS EN LA RESOLUCIÓN NO 466/2012 DE LA CNS, MS.

Estimado(a) Señor (a),

Esta investigación trata sobre la presencia menonita en la frontera Bolivia-Brasil y está siendo desarrollada por **Luiz Fernando Rodrigues Licetti**, del Curso de Posgrado del Máster en Estudios Fronterizos de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, bajo la dirección del Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert. Los objetivos del estudio son estudiar las migraciones de menonitas dentro de la esfera fronteriza Bolivia-Brasil, en particular la ciudad de Corumbá y su tránsito dentro del municipio. El propósito de este trabajo es contribuir a una mejor atención a ustedes. Solicitamos su colaboración para la entrevista y su duración media, así como su autorización para presentar los resultados de este estudio en eventos de salud y publicar en una revista científica nacional y/o internacional. Con motivo de la publicación de los resultados, su nombre se mantendrá en absoluto secreto. Aclaramos que su participación en el estudio es voluntaria y, por lo tanto, no está obligado a proporcionar la información y/o colaborar con las actividades solicitadas por el Investigador. Si decide no participar en el estudio, o decide en cualquier momento renunciar al estudio, no sufrirá ningún daño. El investigador estará a su disposición para cualquier aclaración que consideren necesaria en cualquier etapa de la investigación.

Firma del investigador responsable

Teniendo en cuenta, que fui informado de los objetivos y la pertinencia del estudio propuesto, cómo será mi participación en la investigación, declaro mi consentimiento para participar en la investigación, ya que también estoy de acuerdo en que los datos obtenidos en la investigación se utilizan con fines científicos (difusión en eventos y publicaciones). Soy consciente de que recibiré una vía de este documento.

Aracely Schimidt, 22 de octubre de 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS



*Luiz Neri*

Firma del participante

**Contacto con el investigador responsable:** +55 67 99847-9793/ +5567 981313650 /  
71666109

**Correo electrónico:** luizlicetti@hotmail.com